



**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Centro de Artes, Humanidades e Letras**

CRISLANE DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**A RELAÇÃO DA POPULAÇÃO MURITIBANA COM A IGREJA MATRIZ DE SÃO
PEDRO: UM ESTUDO ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO DE PÚBLICO.**

**CACHOEIRA
2012**

CRISLANE DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**A RELAÇÃO DA POPULAÇÃO MURITIBANA COM A IGREJA MATRIZ DE SÃO
PEDRO: UM ESTUDO ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO DE PÚBLICO.**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Ms. Archimedes Ribas Amazonas.

CACHOEIRA
2012

TERMO DE APROVAÇÃO

CRISLANE DOS SANTOS DE OLIVEIRA

A RELAÇÃO DA POPULAÇÃO MURITIBANA COM A IGREJA MATRIZ DE SÃO PEDRO: UM ESTUDO ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO DE PÚBLICO.

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Museologia.

Aprovada em 28 de novembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Archimedes Ribas Amazonas(Orientador)_____
Mestre em cultura e sociedade - UFBA
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Cristina Ferreira Santos de Souza _____
Mestre em História - UFBA
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Dra. CARMEN CASTRO LIMA _____
(UNEB/ UCSAL/ Seplan- BA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter conseguido realizar esse grande sonho que é resultado de um esforço ao longo de quatro anos de graduação, e que jamais seria concluído sem a ajuda de pessoas que marcaram presença ao longo dessa jornada, especialmente ao professor Archimedes Ribas Amazonas, pela orientação, pelas indicações de textos, pelos diálogos, pela compreensão e estímulo.

À professora Cristina Ferreira que lecionou a Disciplina Tipologia de Museus e Avaliação de público, que foi fundamental na minha escolha dentro da Museologia.

Ao corpo Docente do curso de Museologia.

Aos meus colegas de graduação que fizeram parte tanto dos bons momentos, quanto dos momentos difíceis desta longa caminhada. Em especial aqueles que se tornaram grandes amigos que merecem ser citados como: Vera Rocha que foi muito especial, com suas experiências de vida e seu jeito “mãe” me fez amadurecer. A Sura Carmo pelas dicas de textos, a Camila Nascimento pelos desabafos e conversas, a Pedro Eivaldo pelo carinho, a Laerte Correia (*in memoriam*) que infelizmente não está mais entre nós, mas com certeza deixou muitas coisas boas.

Ao professor Paulo José por disponibilizar parte da documentação analisada.

Ao Padre José Oliveira Santos e aos funcionários da Paróquia.

Aos meus pais Guiomar e Luis Carlos que sempre me ensinaram o melhor caminho a ser seguido. Em especial minha mãe pelo carinho, compreensão e a amizade.

A minha irmã Cristiane e meu cunhado Tony que cuidaram de minha filha nos momentos que estava estudando. Muito Grata.

Ao meu marido Augusto Fagundes pela compreensão e incentivo em todos os momentos.

À minha filha Beatriz que é sem dúvida a minha maior fonte de inspiração.

(Te amo Bia).

Enfim, muito obrigado a todos que contribuíram de forma direta e indireta para que este trabalho de conclusão de curso fosse realizado.

Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um Museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para.

(Cazuza)

RESUMO

O presente trabalho buscou através da comunicação museológica e avaliação de público conhecer e analisar a relação do público da Igreja Matriz de São Pedro em Muritiba, percebendo as suas particularidades, identificando as atividades realizadas no templo, frequência e sua relevância social e cultural para os muritibanos. A realização do trabalho se respalda na vontade de perceber como a população compreende o templo religioso como um documento histórico e local de memória, onde concentram práticas sociais que definem e qualificam a comunidade. Para a realização do presente estudo foi realizada uma discussão sobre patrimônio histórico, memória e as diretrizes que norteiam a avaliação de público. Por último, foi realizada uma pesquisa de campo, com a aplicação de questionários e entrevistas aos usuários do templo a fim de revelar a relação da comunidade com seu patrimônio histórico.

Palavras-chaves: Igreja, Muritiba, patrimônio, memória, avaliação de público.

ABSTRACT

The present study sought through museological communication and evaluation of public knowledge and examine the relationship of the public of the Church of St. Peter in Muritiba, realizing their particularities, identifying the activities performed in the temple, and often their social and cultural relevance for mutibanos . The completion of the work backs up the desire to understand how the population understands the religious temple as a historical document and memory location where concentrated social practices that define and qualify the community. For the realization of this study was conducted a discussion on heritage, memory and guidelines that guide the assessment of the public. Finally, we conducted a field study, with the use of questionnaires and interviews with users of the temple in order to reveal the relationship between the community and its heritage.

Key words: Church, Muritiba, heritage, memory, evaluating public.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01- Imagem da Igreja Matriz de São Pedro anos 1950	38
Figura 02- Imagem da Igreja Matriz de São Pedro na atualidade	38
Figura 03- Imagem externa de São Pedro	39
Figura 04- Imagem externa de São Pedro	40
Figura 05- Imagem de Nossa Senhora da Conceição.....	40
Figura 06- Imagem de Nossa Senhora do Rosário	41
Figura 07- Imagem da Piedade	42
Figura 08- Imagem de São Pedro	43
Figura 09- Imagem de São Gonçalo	43
Figura 10-Imagem de Santana Mestre.....	44
Figura 11- Imagem de Santo Antônio.....	45
Figura 12- Imagem do Coração de Jesus	45
Figura 13- Imagem de santa Luzia.....	46
Figura 14- Imagem de São José	46
Figura 15- Imagem de Maria com menino Jesus	47
Figura 16- Imagem de Cristo da ressurreição.....	47
Figura 17- Imagem do altar-mor da Igreja Matriz de São Pedro	48
Figura 18- Imagem do arco-cruzeiro da Igreja Matriz de São Pedro.....	49
Figura 19- Imagem de retábulo lateral esquerdo.....	49
Figura 20- Imagem de retábulo lateral direito.....	50
Figura 21- Imagem de retábulo lateral direita.....	50
Figura 22- Pia batismal da igreja matriz de São Pedro	51
Figura 23- Imagem 01 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	52
Figura 24- Imagem 02 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	52
Figura 25- Imagem 03 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	53
Figura 26- Imagem 04 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	53
Figura 27- Imagem 05 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	54
Figura 28- Imagem 06 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	55

Figura 29- Imagem 07 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	55
Figura 30- Imagem 08 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	56
Figura 31- Imagem 09 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	56
Figura 32- Imagem 10 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	57
Figura 33- Imagem 11 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	57
Figura 34- Imagem 12 de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro	58

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPAC- Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural

SPHAN- Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A MUSEOLOGIA E A CONSERVAÇÃO DE MONUMENTOS HISTÓRICOS	14
1.1 AS RAÍZES DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO NO BRASIL .	16
1.2 A RELAÇÃO MEMÓRIA E HISTORIA EM MONUMENTOS HISTÓRICOS.....	19
1.3 COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA E AVALIAÇÃO DE PÚBLICO DE MONUMENTOS HISTÓRICOS.....	22
2. A CIDADE DE MURITIBA	30
2.1 A IGREJA DE SÃO PEDRO: HISTÓRIA, ASPECTOS ESTRUTURAIS, FUNCIONAIS E ACERVOS	36
2.1.1 Azulejos da Igreja Matriz de São Pedro	37
2.2 DESCRIÇÃO DO ACERVO.....	37
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS AO PÚBLICO DA IGREJA MATRIZ DE SÃO PEDRO	59
3.1 ANÁLISE DE DADOS DA AVALIAÇÃO COM O PÚBLICO INTERNO	60
3.2 ANÁLISE DE DADOS DA AVALIAÇÃO COM O PÚBLICO VISITANTE (USUÁRIO).....	61
3.3 ANÁLISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS COM O PÚBLICO POTENCIAL.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES	70
ANEXOS	74

INTRODUÇÃO

A monografia propõe um estudo sobre a relação da comunidade muritibana com a Igreja Matriz de São Pedro de Muritiba, através da avaliação de público. Tal estudo se insere na área de Comunicação Museológica, especificamente da Avaliação de Público.

A Igreja Matriz de São Pedro, situada na cidade de Muritiba-Ba, teve a sua construção iniciada no final do século XVIII, no local onde havia a capela e o mosteiro que deram origem à cidade. Foi concluída no século XIX, apresentando na sua fachada, azulejos e talha em estilo rococó, além de possuir um excelente acervo de imaginária dos séculos XVIII e XIX (Inventário, 1996). Nos dias atuais, embora tendo sofrido transformações, ainda guarda grande parte do aspecto original, seu estilo arquitetônico, talha, painéis em azulejaria e imaginária, se constituindo em um importante documento para estudos relativos à cidade. Mas a valorização do templo enquanto patrimônio vai além de suas características estéticas, visto que também é um monumento de grande importância social.

A valorização da Igreja de São Pedro como patrimônio histórico, lugar de memória e construção coletiva aponta para a necessidade de estudo de público da instituição. A motivação de tal estudo reside no fato de que ainda se processam relações sociais no local, tendo sido erguida à condição de patrimônio histórico, artístico e cultural. Atualmente também se constitui em local de visitação de turistas.

A realização do estudo de público, estabelecendo um diagnóstico dos seus usuários, é motivada pela expressividade de elementos artísticos e bens móveis que a Igreja possui, como também reside na necessidade de compreender, na atualidade, a valorização do monumento para a construção da identidade do povo muritibano, conhecer o perfil do público que a visita, a noção do que é seu patrimônio para esses visitantes, sua relevância social e cultural.

A motivação da proponente também reside no fato de morar na cidade, conhecer a comunidade e ter fácil acesso à mesma para realização do estudo e, principalmente, preservar e comunicar esse patrimônio às presentes e futuras gerações.

Este trabalho se divide em três capítulos.

No primeiro capítulo foi realizada a discussão teórica do trabalho, com a utilização dos principais teóricos da área definindo o campo museológico, o início da valorização do patrimônio histórico na Europa e no Brasil, definições de memória e avaliação de público, de maneira sucinta e que proporcionasse uma relação profunda com o objeto de estudo.

O segundo capítulo aborda a história de Muritiba, da Igreja matriz de São Pedro e seu acervo a fim de apresentar o objeto de estudo e a relevância do mesmo para a comunidade.

No terceiro capítulo, foram realizadas as compilações dos dados obtidos nas entrevistas e questionários, de forma qualitativa, para evidenciar a relação da comunidade com o seu patrimônio. E, por fim, as considerações finais.

1. A MUSEOLOGIA E A CONSERVAÇÃO DE MONUMENTOS HISTÓRICOS

São vários os conceitos relacionados a Museologia e a museus, e por sua cientificidade ainda está sendo construída diversos teóricos se preocupam em buscar uma definição que possa abranger todas as ações desta ciência em formação. Apesar de relativamente nova, a Museologia como ciência surge no século XX e os museus datam do século XVIII, a sua primeira definição é de origem mitológica. Conforme Guimarães “Museu é filho de Orfeu (...) no fim da vida Orfeu foi esfacelado pelas Eríneas e seu corpo espalhado através de um sopro, pelo mundo, nas coisas (...) Museu recopilou as obras do pai”. Desta forma, o Museu recuperou e reordenou as obras do pai e teve segundo Cury (2005, p.21) “o poder de ver a poesia nas coisas”.

Composta por procedimentos que envolvem questões teóricas, técnicas e metodológicas a Museologia busca, através de um forte posicionamento acadêmico, demonstrar a sua importância quanto ciência aplicada e não como antes classificada, apenas um manual de procedimentos técnicos para manuseio de objetos e conservação de monumentos históricos. Tal aspecto é encontrado na definição de Cristina Bruno (2004, p.1)

A Museologia surgiu e tem sido organizada como área do conhecimento, justamente para equacionar os aspectos técnicos, teóricos e metodológicos, relativos à constituição, implementação e avaliação dos processos que as sociedades estabelecem para a seleção, tratamento e extroversão dos indicadores da memória, transformando-os em referências patrimoniais e projetando-os em campos constitutivos da herança cultural.

Como área do conhecimento vinculada as Ciências Humanas, a Museologia é atenta em cultivar a liberdade do olhar do indivíduo sobre o patrimônio. Para Bruno (2004, p.2) “é uma área que se preocupa em preservar a lucidez dos olhares perceptivos (...) mas, sempre, com a intenção de possibilitar a reversibilidade destes olhares, de permitir novos arranjos patrimoniais e novas apropriações culturais.”

A Museologia é entendida como um conjunto de atividades que a partir da salvaguarda de objetos disponibiliza, através de recursos expositivos e da educação patrimonial, conhecimento. Para Peter van Mensch (1990) “a Museologia abrange todo um complexo de teoria e de práxis que envolve a conservação e o uso da herança cultural e natural” e onde “qualquer nível de tratamento prático dos objetos

deve ser relacionado a uma visão (teórica) do significado do objeto como fonte de conhecimento” (CÂNDIDO, 1998, p.36). Por mais banal que possa parecer qualquer objeto, se contextualizado é passível de ser musealizado por ser documento. Para Cury citando Mário Chagas (2005, p.25) são aspectos consideráveis para um objeto ser musealizado “documentabilidade, testemunhalidade, autenticidade, raridade, beleza, riqueza, curiosidade, antiguidade, exotividade, excepcionalidade, banalidade, falsidade, simplicidade e outras não previstas”.

São etapas primordiais do processo museológico a aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. A musealização é parte da aquisição. Num segundo momento é realizada uma pesquisa profunda sobre a história do objeto, seu estado de conservação e documentação. Por fim, na comunicação museológica, este objeto irá compor o quadro dos objetos expostos na instituição.

Para Bruno (apud Cury, p.27) entende-se por musealização “o conjunto de procedimentos que viabiliza a comunicação de objetos interpretados (resultado de pesquisa), para olhares interpretantes (público), no âmbito das instituições museológicas”. Entretanto a musealização não está restrita apenas a um objeto que selecionado e retirado do seu último ambiente está salvaguardado num museu. Como a abrangência da definição de Museologia o entendimento sobre patrimônio e herança cultural se alargaram. Para Cury (p.32) “musealizamos selecionando e retirando objetos de um contexto e integrando-os a um acervo ou (...) destacando objetos *in situ*”. A musealização desta forma abre espaço para a salvaguarda do cenário e não apenas dos objetos inseridos nele.

Entende-se por patrimônio quaisquer bens materiais ou morais. A melhor definição de patrimônio está presente no art. 1º da Lei 378 de janeiro de 1937 que cria o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional). Conforme a lei

Art 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja a conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Para complementar a esta definição abrangente do que é patrimônio, soma-se a contribuição de (Bruno apud Cury 2005, p. 33) em que a autora define Patrimônio Comunitário, Patrimônio Integral e Referência Patrimonial. Patrimônio Comunitário, para Bruno, seria “o conjunto de bens partilhados por um grupo de pessoas em um

espaço delimitado e ao longo do tempo, cuja preservação é importante para a identidade cultural do grupo”. Esta definição vai de encontro a valorização da Igreja Matriz de São Pedro como patrimônio dos muritibanos. A segunda definição, Patrimônio Integral, para a autora seria “o conjunto de bens que deve ser preservado para a identidade e integridade dos seres vivos”. E por último, Referência Patrimonial, que é definido como “elemento extraído do universo patrimonial, significativo em relação a um conjunto maior, e que sua preservação pode representar o universo referido”. Esta última definição é o que buscamos compreender ao estudar o público freqüentador da igreja.

A preocupação com o patrimônio, assim como a criação dos museus, é muito anterior a definição de museologia. As primeiras medidas em favor dos monumentos, segundo Riegl (p.55-56), nasceu no Renascimento italiano que por questões patrióticas manifestavam um culto as antiguidades, sobretudo artísticas. Contudo a grande valorização do monumento histórico inicia-se nos séculos XVIII com escavações que descobriram cidades inteiras, e com a valorização no século XIX, na Inglaterra e França, dos monumentos nacionais, a partir da criação de cargos e leis que fiscalizassem e preservassem tais documentos históricos.

Se por um lado os objetos, de fácil manuseio e transporte, desde a Antiguidade foram alvos de colecionadores, o mesmo não poderia ter ocorrido com os monumentos históricos. Alvos dos modismos arquitetônicos de época, muitos sucumbiram ou perderam suas características originais antes de serem preservados. Contudo, as ações iniciadas na Europa no século XIX, que repercutiram posteriormente no Brasil, resultaram numa consciência, governo e comunidade, da necessidade de proteção de qualquer objeto que represente uma época.

1.1 AS RAÍZES DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO NO BRASIL

As primeiras considerações a respeito da conservação e restauração do patrimônio edificado aparecem na França no final do século XVIII. De acordo com Kuhl (2003, p.18) a partir de exercícios teóricos estudantes da Academia de França em Roma, ao estudarem monumentos da Antiguidade Clássica tinham a tarefa de elaborar reconstituições hipotéticas.

Fortemente influenciado por questões nacionalistas, a valorização dos monumentos históricos iniciada na França no início do século XIX, foi uma tarefa

árdua e sobretudo no que diz respeito não apenas a sua valorização enquanto objeto histórico e artístico mas em “demonstrar que não eram obstáculos ou entraves a serem eliminados ou destruídos para vagar lugar ao novo modo de urbanização” (CHOAY, 2006, p.144). O primeiro passo foi dado quando em 1830 Guizot criou, por decreto, o cargo de inspetor dos monumentos históricos, partindo para tombá-los antes que fosse tarde. A criação da Comissão dos Monumentos Históricos criada em 1837, auxiliou na distribuição de fundos do Estado para a manutenção e restauração dos edifícios tombados. Segundo Choay (2006, p.148), diferentemente da proteção britânica, os financiamentos franceses eram magros e não havia ajuda do mecenato, causando a morte de inúmeros monumentos por conta da falta de recursos. A primeira lei francesa só veio a ser promulgada em 1887, com promulgação para regulamentá-la em 1889 e tendo sua forma definitiva apenas em 1913. Ainda conforme Choay (p.148) a lei de 1913 não deixou de ter

morosidade da burocracia, redução progressiva do papel ativo, estimulante e anticonformista dos voluntários, substituídos por funcionários (...) vazio doutrinal que constitui o contexto administrativo, técnico e jurídico dos procedimentos.

A Inglaterra também contribuiu no século XIX com teóricos a respeito da conservação dos monumentos históricos, pois os tinham como essenciais para a compreensão do presente. Opositor ao grande número de intervenções pregadas por Viollet-Le-Duc na França para a reconstituição de edifícios históricos, Ruskin em ‘The Lamp of Memory’ diz que a arquitetura é um meio de conservamos o que temos com o passado, formador de nossa identidade.

A salvaguarda do patrimônio edificado no Brasil, que se inicia nas primeiras décadas do século XX, está nitidamente relacionada a questões nacionalistas. Visto que não há nação forte sem um passado heróico ou produtivo artisticamente, iniciou-se a proteção de monumentos e objetos devido ao seu valor histórico e artístico. De acordo com Fonseca (2005, p.82)

a partir de denúncias de intelectuais sobre o abandono das cidades históricas e sobre a dilapidação do que seria um “tesouro” da Nação, perda irreparável para as gerações futuras, pela qual as elites e o Estado seriam chamados a responder, inclusive perante as nações civilizadas, o tema passou a ser objeto de debates nas instituições culturais, no Congresso Nacional, nos governos estaduais e na imprensa.

Pioneiro na valorização do patrimônio edificado no Brasil, Gustavo Barroso, cria em 1934 a Inspetoria dos Monumentos Nacionais, vinculado ao Museu Histórico Nacional, sendo desativada em 1937 com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Os trabalhos da Inspetoria limitou-se a cidade de Ouro Preto, antiga Vila Rica, que exercia um deslumbramento em Barroso, sendo considerada “a alma da pátria”. Os trabalhos realizados em diversos monumentos por Barroso foram de grande eficácia, mas não impediu que o ministro Gustavo Capanema encomendasse ao modernista Mário de Andrade um anteprojeto de um serviço de proteção ao patrimônio. Vale ressaltar que Barroso não via isoladamente Ouro Preto como “berço da nação brasileira”, pois os modernistas também eram apaixonados pela cidade, realizando diversas caravanas “em busca do Brasil” onde o progresso ainda não tinha colocado suas mãos. No fim, o projeto dos modernistas obteve a vitória na disputa pela hegemonia tanto no discurso quanto para as políticas de preservação.

O anteprojeto desenvolvido para a criação do SPHAN por Mário de Andrade estava muito a frente do seu tempo, ao colocar as artes eruditas e populares num mesmo patamar de importância enquanto representativas da nação. Segundo Fonseca (2005, p.99) ele se preocupa em explicar cada categoria de arte “arte arqueológica, arte ameríndia, arte popular, arte histórica, arte erudita nacional, arte erudita estrangeira, artes aplicadas nacionais e artes aplicadas estrangeiras”. São características do anteprojeto: a preocupação em resguardar os bens culturais em sua totalidade; sentidos diversificados e amplos dados a arte; concepção de patrimônio avançada para a época; objetivo de envolver todo o universo da produção cultural; prioridade ao inventário de bens, que investiga o patrimônio, no sentido de desvendar a cultura nacional, de conhecer sua diversidade. Contudo não passou de um anteprojeto.

O que estabeleceu os meios legais para a atuação do SPHAN foi o decreto-lei de 30 de novembro de 1937 elaborado por Rodrigo Melo Franco de Andrade tendo como principal mecanismo de proteção dos monumentos históricos o tombamento. Segundo Fonseca (2005, p.105)

O tombamento surgia, assim, como uma fórmula realista de compromisso entre o direito individual à propriedade e a defesa do interesse público pela preservação de valores culturais. Essa solução se tornou possível na medida em que a Constituição de 1934 estabeleceu limites ao direito de propriedade, definindo-lhe o conceito de função social. Por outro lado, em

termos econômicos, ao garantir ao proprietário não só o uso como a posse do bem material, o intuito do tombamento dispensava, para a finalidade de preservação, a onerosa e praticamente inviável figura da desapropriação.

A gestão de R.M.F. de Andrade foi caracterizada pela valorização do patrimônio edificado em contraposição ao patrimônio imaterial, que havia sido contemplado no anteprojeto de Mário de Andrade. Foram tombados, na sua grande maioria, bens da arquitetura religiosa. Rodrigo de Andrade (apud Fonseca) aponta as justificativas para a escolha destes bens, que segundo ele “avultam, os bens arquitetônicos como núcleo primacial de nosso patrimônio”, e relacionado a preservação é “ mais facilmente praticável a investigação a seu respeito”.

Após a gestão de Rodrigo de Andrade o IPHAN passou por um ordenamento no que diz respeito as carências operacionais e a valorização da cultura do colonizador passando a incluir as manifestações culturais e a cultura popular no rol dos bens salvaguardado pelo IPHAN. Os monumentos históricos, simbolizados principalmente pela arquitetura civil e religiosa continuaram a ser os principais bens tombados, todavia, com o decreto nº3.551, de 4 de agosto de 2000, passou a haver o registro dos Saberes, das Celebrações, das Formas de Expressão e dos Lugares.

1.2 A RELAÇÃO MEMÓRIA E HISTÓRIA EM MONUMENTOS HISTÓRICOS

O monumento histórico contém na sua formação memória e história. Sua valorização se dá justamente por este aspecto. Como documento, o monumento contém história, foi cenário de algo que aconteceu e com suas características extremamente ligadas as questões, políticas, econômicas e sociais de uma determinada época. Como algo que ainda existe que faz parte de um determinado contexto sofrendo reapropriações e novos usos, o monumento é local de memória, pois sua escrita, sua participação na construção de características da sociedade ainda não cessou.

A Igreja de São Pedro nos seus mais de trezentos anos de construção é um local de história e memória e por isso valorizada como patrimônio representativo da história do Recôncavo e monumento evocativo de memórias que continuam a ser construídas.

Segundo Santos (2003, p.71), analisando a obra de Halbwachs a respeito da memória nos diz que a memória individual é a “expressão da composição arbitrária formada pelos quadros sociais da memória com que um indivíduo se defrontava

durante sua vida”. Os indivíduos recordam a partir e quadros sociais, que selecionam o que será perpetuado, nossas lembranças só existindo em relação as lembranças que existe no nosso entorno. A memória individual só existe por conta da existência da memória coletiva, porque quando lembramos ou esquecemos algo é pré-condicionado as características do grupo. A memória está presente nas construções que fazemos do passado. Segundo Santos (2003, p.93) ”o que recordamos não é exatamente igual ao que já aconteceu, uma vez que ao mesmo tempo em que construímos o passado, ele também nos constrói”. A memória é instável e molda-se a medida que os acontecimentos vão ocorrendo. Para Le Goff (2006, p.470)

...a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento de poder, cabendo aos profissionais científicos da memória fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica.

Dessa maneira, uma busca pela perpetuação das memórias de maneira natural é a busca pela manutenção da identidade. É um instrumento de poder a favor ou não da manutenção das relações sociais.

A história ocorre quando a memória não mais existe, pois a memória deixou de ser construída. A história é observada de diversas formas, sendo que cada autor, defendendo a sua teoria pode nos oferecer um olhar completamente diferente sobre a mesma coisa. Por exemplo, ao narrar a história da formação da cidade de Muritiba muitos historiadores irão relacionar a edificação da velha igreja de São Pedro e aos jesuítas, contudo, haverá aqueles que darão maior enfoque a antiga estrada que ligava o porto da Cachoeira aos sertões. A escrita da história permite a inclusão ou exclusão de determinados elementos que constitui o enredo e torna-se documento, assim como a memória no seu discurso oral seleciona aquilo que será perpetuado para as gerações futuras. Para Santos (2003, p.85)

Enquanto a história representa a esquematização arbitrária do passado com seus cortes artificiais estabelecendo sequências e períodos, a memória coletiva representa uma corrente de pensamento que envolve seres humanos reais relacionando-se uns com os outros. O passado que existe no presente é o passado que existe na consciência do grupo. Os indivíduos sempre constroem o passado de acordo com preocupações e situações presentes. Como as imagens do passado são resultado da relação entre o indivíduo e seu grupo, a história só é possível quando a tradição está acabada, ou seja, no momento onde a memória coletiva deixa de existir.

Ao pararmos para observar a relação memória e história a qual se insere a Igreja Matriz de São Pedro, analisamos o edifício como um objeto perpetuado ao longo de tanto tempo por fazer parte da memória dos muritibanos. Se o templo religioso continuou a exercer as suas funções e não foi substituído por uma construção mais moderna é porque continua inserido no cotidiano da população. Para Ventura (2005, p.447-448)

os objetos da cultura material resultam da experiência da vida cotidiana e são formadores e identificadores das identidades dos grupos. Eles são portadores de informações para diversos campos do conhecimento e são produtos culturais e depositários de memórias.

Ventura explora as duas vertentes do objeto como portador de memória e portador de história. No caso específico da Igreja de São Pedro os dois aspectos confundem-se e mesclam-se pois já há uma escrita da história sobre o monumento, contudo, um livro não finalizado pois ele continua inserido nas relações sociais. Relacionado a história o autor (2005, p.448) nos diz que

Os objetos da cultura material são produtos de uma história: remetem às tradições identificadas pelo grupo com suas marcas distintivas, específicas e identitárias. Ao serem selecionados e expostos, falam dos modos de viver e de pensar compartilhados no momento da confecção do artefato ou do objeto artístico.

Como locais de memória tangíveis os monumentos são passíveis de interferências do homem que utiliza este objeto de acordo com o costume do seu tempo. Por tratar-se de um bem de notável valor histórico algumas interferências que seriam extremamente naturais para um objeto em uso não é possível para manter intacta as suas características históricas. A igreja de São Pedro vive neste dualismo entre manter a história intacta conservando seus elementos artísticos e deixar que a população continue a utilizá-lo como instrumento de memória ora selecionando ora descartando aquilo é necessário as gerações futuras.

O que não pode ocorrer é perda de locais de memória que causam a população um distanciamento cultural. Muitos monumentos já sucumbiram por conta da sede voraz do progresso, contudo alguns continuam a passear no imaginário da população. Um caso emblemático é a Igreja da Sé em Salvador que mesmo depois de demolida, num exercício de impor uma outra memória a população pelos

governantes, não ficou esquecida na memória dos soteropolitanos que ainda contam sua beleza. Torna-se ou não apenas história também é tarefa da comunidade.

A Museologia é uma ciência que lida com a seleção dos objetos que contém uma história a ser contada. É uma seleção que não pode contemplar todas as camadas sociais, ou seja, a cientificidade da Museologia está extremamente pautada nas definições de história e memória apresentadas acima. A seleção pela memória não é neutra ou individualizada, mas pautada nas estruturas sócias; a história segue o mesmo caminho, de eleger como documentos os objetos que confirmem determinado discurso. Não podemos guardar na nossa memória tudo o que vivenciamos ao longo de nossas vidas, assim como não temos um livro que fale sobre determinado evento sob a ótica de todos os grupos sociais, e a museologia não pode salvaguardar todos os objetos do planeta. Aos selecionados, cabe a nossa compreensão.

1.3 COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA E AVALIAÇÃO DE PÚBLICO DE MONUMENTOS HISTÓRICOS

A realização de estudos de público na Igreja Matriz de Muritiba resulta da discursão de valorização do edifício como patrimônio histórico da cidade que, como lugar de convívio social, torna-se lugar de memória do povo muritibano.

O ato ou efeito de comunicar é próprio da natureza humana que, através de símbolos de uma dada cultura trocam mensagens entre si. Para Santos (2000, p. 99) “a comunicação é entendida como participação, informação, transmissão, ligação, passagem, conveniência e é uma das maneiras pelas quais os homens se relacionam entre si.” O aprimoramento e evolução das técnicas de comunicação resultaram na evolução dos veículos de informação e maior troca de informações entre os grupos. Foram muitos os métodos utilizados pelo homem desde o início da história da humanidade para se comunicar desde o fogo, fumaça, tambores, placas de barro, papel, telefone até conexões de internet.

Podemos relacionar a comunicação de monumentos históricos, em especial templos religiosos, ao uso de elementos artísticos como veículo de comunicação e doutrinação. A tinta, é uma técnica primitiva de comunicação, que segundo Santos (2000, p.103) era usada “na pintura do corpo, dos tecidos e dos monumentos que erigiu e na fixação do ambiente e das coisas ao seu redor”. Desde as pinturas de

bisões encontradas em cavernas francesas até os tetos de pequenas capelas e igrejas ornadas com imagens de santos, a pintura tornou-se uma forma de registro de acontecimentos para as gerações futuras e veículo de transmissão de informações para grupos que não dominam ou não dominavam completa ou parcialmente a escrita. Se para o autor (2000, p.104) “os símbolos evoluíram paralelamente aos suportes e tintas”, foi a Igreja que melhor sobre aproveitou essa evolução para a doutrinação de fiéis. A esse respeito, para Santos (2000, p.105), no início do Cristianismo e da Idade Média “foi a Igreja que mais volumosamente manipulou a comunicação escrita, reduzida a quase total esquecimento pelos povos daquele período”. A importância de compreender cada elemento artístico dos templos religiosos como portadores de significados, visto que a doutrinação da grande maioria da população era realizada por símbolos não escritos (monumentalidade, uso de materiais nobres, painéis, azulejos, etc) mostra a necessidade do aperfeiçoamento de técnicas de comunicação.

A comunicação nos permite a compreensão do outro e a criação de elos entre indivíduos. Para Santos (2000, p. 111) “sem a comunicação, não teríamos a noção de grupo que empregamos para coordenar nossas atividades sociais e desenvolver nossas existências interdependentes”. Partindo para o campo museológico, abrangendo os museus e monumentos históricos abertos a visitação, a comunicação é o disseminador do conhecimento ali abrigado. A criação dos primeiros museus paralelamente a valorização dos monumentos históricos visou a difusão de bens históricos e artísticos para a sociedade. Para Santos (2000, p.100)

Os museus podem ser considerados, também, como comunicadores em potencial devido à sua condição precípua de recolher, preservar, estudar, guardar e expor objetos no contexto em que eles foram produzidos com objetivos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Dessa maneira, os museus são instituições que visam através da salvaguarda de objetos ícones da sociedade, oferecer ao público visitante uma parcela da história da sociedade através destes objetos. Aos monumentos históricos, objeto por si mesmo, ao ser preservado suas características originais, torna-se ele próprio veículo de disseminação de conhecimento.

A comunicação museológica é uma das ações que integram a musealização – conjunto de ações que visa a transformação do objeto em documento e sua comunicação – e também pode ser definida como a forma de extroversão do

conhecimento em museus (Cury 2005, p. 25-34). A igreja de São Pedro está inserida no cenário da cidade e sua forma de comunicar-se enquanto patrimônio edificado da comunidade vai ocorrer diferentemente de objetos expostos num museu. Neste caso, a conversação entre a instituição e a comunidade é a melhor forma de divulgação do edifício enquanto documento.

Nos museus o principal veículo de comunicação são as exposições. Classificadas como temporárias ou de longa duração, itinerantes, internas ou externas, elas proporcionam o contato entre o público visitante e a sua história, ou seja, os objetos. Para Ventura (2005, p. 449) “a exposição é uma obra em que o sujeito pode se observar e recompor os fragmentos e fraturas do mundo, a fim de criar uma outra obra: a sua própria.” Ele seleciona o que o agrada, organizando a sua seleção dos objetos/documentos que identificam e afirmam as suas características culturais, ou ainda, que aguçam a sua curiosidade sobre uma determinada cultura. Scheiner (2007, p.1) nos diz que “através das exposições, os museus elaboram uma narrativa cultural que os define e significa, enquanto agências de representação sócio-cultural” Cury, nos aponta uma descrição sobre exposições que confirma a exposição como um lugar destinado a comunicação da cultura material. Para a autora (2005, p.367)

A exposição, entendida como um cenário é o meio ambiente criado e que facilita ou limita a relação do homem com a cultura material, ou seja, facilita ou limita a participação do público na vida cultural no que tange a sua relação com o objeto material.

As exposições são o principal instrumento de acesso ao público visitante aos acervos dos museus, proporcionando reflexão, lazer e aprendizagem. Scheiner nos diz que é “um ambiente para o treinamento dos sentidos, uma instância profunda de aprendizagem” (2007, p.2). Para Cury (2005, p.42), relacionado a experiência que causa no público, a exposição “é o local de encontro e relacionamento entre o que o museu quer apresentar e como deve apresentar visando um comportamento ativo do público e à sua síntese subjetiva”. Aos monumentos históricos, em especial templos religiosos, seus acervos são bem móveis integrados como a talha ou painéis em azulejaria e objetos litúrgicos que ficam expostos, mas, ainda, numa grande maioria em uso. Algumas igrejas em Salvador possuem salas específicas, geralmente a sacristia ou alas e corredores no piso superior, destinados a exposição de objetos relacionados a história do templo. Estas exposições integram a história

do templo e conjuntamente com os elementos artísticos e arquitetônicos formam o acervo expográfico da instituição.

A Igreja Matriz de São Pedro oferece aos visitantes vários elementos artísticos e objetos ainda em uso que conta a história da cidade. A Igreja seria, numa comparação simples, o edifício do museu, um edifício histórico com um alto valor para a sociedade, e os elementos que integram o edifício como pinturas, painéis de azulejos, talhas e objetos litúrgicos, são os objetos que recheiam esta exposição.

Na atualidade tantos museus quanto monumentos históricos abertos a visitação pública utilizam avançados recursos para melhor interatividade entre patrimônio e público. Recursos áudio-visuais e iluminação dramática são os que são comumente empregados em edifícios históricos, ressaltando as suas características estéticas. O uso de tais recursos é muito importante para atrair um público diversificado que tem diferentes olhares sob o patrimônio. Para Cury (2005, p.367), “a comunicação museológica pode valer-se dos avanços contemporâneos do campo da comunicação, visando à sua participação no processo de comunicação cultural”. Inserido no turismo cultural e considerado como os museus repositórios do saber, os templos religiosos abertos a visitação pública buscam cada vez mais recursos expográficos modernos que aliam comunicação e conforto do visitante sem causar a espetacularização do espaço que, na maioria dos casos, ainda continua em uso. A comunicação museológica nestes espaços faz-se através do cenário, das construções de ambientes que no caso são reais.

A concepção de espaços expositivos em museus ou em instituições afins deve buscar primordialmente o conforto dos visitantes. Para Cury (2006, p.3) “o que proponho é que tanto os temas e assuntos escolhidos para ser musealizados quanto a elaboração do discurso expositivo se dêem a partir do cotidiano dos receptores.” Conhecer o perfil do público que irá utilizar o espaço para adquirir conhecimento facilita a construção do discurso expográfico da exposição. Ainda para a autora (2006, p.5)

A instituição museu vê hoje com clareza a premência de privilegiar o receptor sem detrimento das ações do processo curatorial. A área de comunicação museológica entende que a participação no processo de (re)significação cultural é um pleno direito à cidadania, entendimento que situa o público como agente, ator, sujeito participante e criativo do processo de comunicação no museu e indivíduo exercendo a cidadania.

Contudo para que os indivíduos possam exercer sua cidadania de maneira plena é necessário oferecer um serviço de qualidade que responda a expectativa do usuário. A concepção de espaços expositivos satisfatórios depende de um trabalho de avaliação de público. A avaliação de público pode ser aplicada a qualquer projeto, na sua implantação ou em andamento, para colher informações sobre os indivíduos que utilizam ou irão utilizar determinado serviço. Em instituições culturais, exposições e ações educativas a análise dos resultados é necessário para aperfeiçoar as atividades oferecidas. Sem avaliação de público não se sabe qual caminho seguir.

Para Vitor (2005, p.1), ao derrubar “os muros do museu”, abriu-se espaço para “processos museológicos que emergem da comunidade”. Ao se ampliar o espaço do museu do edifício para o território e do público para a comunidade perceber a relação e é quem espectador, público, visitante ou colaborador tornou-se mais difícil. Contudo, extremamente necessário para a percepção do cumprimento do papel social destes espaços de comunhão social avaliar os resultados obtidos com as ações realizadas do espaço. Para a autora (2005, p.2), é necessário “avaliar é o impacto na sociedade e a eficácia dos processos de mudança gerados pelo conhecimento construído em ordem à satisfação das pessoas, e dos diversos grupos na comunidade”.

No caso específico do estudo de avaliação de público da Igreja Matriz de São Pedro, as pessoas ouvidas são aquelas que na sua relação com a Igreja vêm lhes atribuindo os valores que constituem o seu patrimônio cultural: os fiéis e a comunidade em geral. O estudo de público da Igreja Matriz de São Pedro de Muritiba coloca em evidência o valor histórico e sentimental atribuído ao velho templo e através da análise do perfil, conhecimentos, ideias, sentimentos, motivações dos seus usuários, identificando a relação dos muritibanos com o seu patrimônio.

A avaliação de público deve trazer a voz do visitante para dentro do museu. Sendo uma das principais diretrizes do museu, comunicar, conseqüentemente, é necessário avaliar suas ferramentas de comunicação torna-se uma tarefa a ser executada continuamente. Para Almeida (p.32) as avaliações compreendem os desejos e as necessidades do receptor da mensagem transmitida, “mostram que cada visitante constrói sua própria exposição ao selecionar seu percurso de acordo com seu desejo, suas motivações, suas necessidades e seus companheiros”.

Portanto, avaliar a receptividade de uma exposição é perceber como o visitante se apropriou do evento. Para Vitor (2005, p.6)

A questão está em saber como avaliar se os resultados que nos propusemos atingir estão em consonância com a missão e valores do museu e como testar, com objetividade, se os compromissos que estabelecemos com as pessoas e os diferentes grupos na comunidade estão no bom caminho

Vitor no texto *A qualidade em Museus*, 2005, com sua definição de público – interno, visitante e potencial – contribuirá para definir os diversos tipos de público para serem ouvidos neste trabalho através da aplicação de questionários e entrevistas. Segundo a autora o que é necessário avaliar “ é o impacto na sociedade e a eficácia dos processos de mudança geradas pelo conhecimento construído em ordem à satisfação das pessoas e diversos grupos na comunidade” (VITOR, 2005, p.2). Ao citar Falk e Dierking, Almeida (2005, p.33) nos proporciona a forma de interpretar os contextos que fazem com que o público visite um museu “o pessoal, o físico e o sociocultural”. Ao contexto cultural, o mais necessário para ser avaliado pelo museu, observar todos os contatos que o indivíduo tem durante a visita ao museu “seja com o grupo no qual está integrado, seja com os indivíduos de outros grupos, com os servidores da instituição ou quaisquer outras pessoas”. O físico está relacionado ao prédio de museu e como se dá a relação com o seu entorno. Relacionado as questões pessoais que envolvem a visita a um museu Almeida (2005, p.37) que

As pesquisas de avaliação e aprendizagem em exposições tem evidenciado que as expectativas, motivações e tudo que ocorre anteriormente à visita pode ser determinante para a qualidade dela. O contexto pessoal é de fundamental importância para a escolha do museu ou da exposição ser visitada e também para determinar as expectativas do visitante.

Os procedimentos e métodos adotados na avaliação de público variam dependendo do caráter do que está sendo examinado. Woollard (2004, p.119) nos apresenta algumas técnicas para o inquérito dos visitantes. De fácil aplicação e podendo ser usadas simultaneamente facilitam a compreensão do público visitante. A primeira e mais comum, os questionários, são respondidos pelos próprios visitantes, “que completam uma breve lista de perguntas, talvez assinalando o quadrado apropriado”. A segunda técnica, os grupos de foco, conforme a autora, “são grupos de 5-9 pessoas retirados do público geral, convidados com

antecedência, para partilharem os seus pensamentos sobre certos assuntos ou desenvolvimentos”, em que a instituição colhe as informações necessárias para a realização de um trabalho de sucesso. A terceira forma de inquérito, são os questionários enviados por internet para pessoas escolhidas através do registro de visitantes ou grupos relacionados a área da instituição. Por último, o quarto tipo de inquérito, o livro de registro de visitantes e painéis de comentários, para a autora, “é excelente para capturar as perspectivas e ideias não solicitadas de pessoas”. Vale ressaltar, que todos os métodos acima citados devem ser de fácil entendimento e que não tome muito tempo do visitante na sua aplicação. A respeito do uso destas ferramentas Santos (2000, p.32) nos diz que:

Os estudos de público e as avaliações de exposições em museus consideram o visitante um participante ativo da relação museal. Por meio da observação, entrevistas, questionários, depoimentos e conversas telefônicas, esses estudos nos trazem a ‘voz’ do visitante, na busca do aperfeiçoamento do processo comunicacional promovido pelas instituições. (SANTOS, 2000, P.32)

A aplicação de questionários em instituições de museais e afins proporcionam um reconhecimento dos hábitos das pessoas. A percepção de determinadas características do público visitante proporciona a realização de atividades direcionadas e melhor compreensão das maneiras de cumprir o seu papel social. Para Almeida (p.42) “a inclusão de perguntas sobre o hábito de visita a museus e consumo cultural dos respondentes. Normalmente encontram-se associações interessantes”.

Na aplicação de questionários uma das respostas a ser buscada diz respeito ao público freqüentador, ocasional e não-visitante. As respostas encontradas levam a percepção porque o público escolhe uma instituição ao invés de outra ou porque deixam de visitá-la em determinados períodos e a forma de cativá-los, torná-los visitantes constantes. No caso de monumentos históricos, a visita ocorre principalmente relacionada ao calendário religioso, ciclo de festas da cidade ou na temporada de verão. Observar as lacunas de falta de visita em determinados períodos e compreender os seus motivos facilita as formas de atrair este público que está pronto para ser conquistado.

Para Woollard (2004, p.118) os questionários aplicados aos visitantes pode ser de dois tipos qualitativos e quantitativos. Aos questionários qualitativos cabe observar como o público reage a visita do museu. Aos quantitativos cabe a

análise, em porcentagem, do número de pessoas do bairro que visita o museu, turistas, como chegam até o local, a influência e da renda para a formação de público frequentador, etc.

Dentro do aspecto qualitativo abordado nos questionários, deve-se perceber os tipos de público que frequenta a instituição. Há aqueles que visitam sozinhos por uma razão específica, com grupos de amigos para relaxar, grupos familiares que utilizam a visita como um momento de lazer com a família e grupos educativos desde crianças, determinados cursos de graduação ou grupos de idosos que usam o espaço como local de lazer e aprendizado simultaneamente.

A aplicação de questionários a público visitante requer planejamento e técnica. Deve ser executado pensando em quais os objetivos do estudo e destino das informações recolhidas. Após a aplicação, que pode ser efetuada por qualquer membro da instituição, deve-se pensar como só dados obtidos serão apresentados e para quem. Normalmente, são apresentados em gráficos e tabelas por porcentagem e em muitos casos são requeridos por órgãos governamentais ou projetistas de exposição.

Para Woollard (2004, p.119) a quantidade de questionários a serem efetuados também é algo muito importante para se alcançar o efeito desejado. Para a autora

Uma amostra de 500 pessoas geralmente é considerada necessária para uma pesquisa do visitante geral num museu pequeno, 700 a 1000 pode ser o mínimo para um museu maior, enquanto a resposta do visitante a uma exposição requer provavelmente, uma amostra de pelo menos 100.

Este número de questionários aplicados pode variar, por exemplo, se for aplicado num monumento histórico que não tem uma frequência tão fixa de visitantes. Contudo, vale lembrar que, um número irrisório de questionários aplicados não se constitui em avaliação de público pois não há como criar parâmetros para comparação.

A avaliação de público é uma importante ferramenta do processo museológico, configurando-se como a observação e análise dos trabalhos realizados.

2. A CIDADE DE MURITIBA

A cidade de Muritiba está localizada no Recôncavo da Bahia, mais precisamente a 114 km de Salvador, tendo sido elevada à categoria de cidade em agosto de 1922 pelo então Governador do estado J. J. Seabra. A data oficial que se comemora tal ocasião, ocorre no dia oito de agosto. Mas o povoamento da serra, situada a duzentos e treze metros acima do nível do mar e próxima a Cachoeira, é bem mais antigo. Na realidade, o início do povoamento por exploradores europeus em Muritiba ocorre desde meados do século XVI.

Segundo Santos (2007 p. 27), a partir da criação do cargo de Governador Geral¹, na figura de Tomé de Souza, e da fundação da cidade de Salvador, vieram para a colônia brasileira os primeiros padres jesuítas. É este o contexto dos primeiros contatos que se tem notícia dos portugueses com as terras “muritibanas”. A partir deste primeiro momento irá surgir o povoado.

O escritor Nelson Brito Cardoso (2012), ao mencionar outro escritor muritibano Anfilóbio de Castro, diz que este utilizou o ano de fundação do arraial de Cachoeira em 1575 como base temporal para afirmar que é neste mesmo contexto que inicia-se o embrionário povoamento de Muritiba.

Portugal, a partir do século XV, enfrentava uma série de problemas sociais e econômicos, dentre eles estavam a escassez de importantes produtos para exportação, que se restringiam ao azeite de oliva e ao vinho, e também ao fato de existir uma cada vez maior “nobreza parasitária”, resultado de uma política de estado patrimonialista, que distribuía cargos dentro da elite político-social em troca de proteção e poder.

Em primeiro lugar, cabe lembrar o papel do rei, central numa monarquia patrimonialista, como dispensador ou fonte de todas as graças e mercês. Era junto “ao bafo do rei”... que se obtinham as diversas recompensas e prêmios pelos serviços prestados. No Brasil, porém, o governador-geral, como representante do rei, também cumpria esse papel, mesmo que em menor escala e sempre sujeito à confirmação ou não do monarca. Na Bahia, em particular, o governador-geral controlava o acesso à terra por meio de sesmarias, o provimento dos cargos e outras vantagens, como o acesso ao trabalho indígena ou a seus produtos, aos contratos públicos, ao engenho real, aos suprimentos enviados pela Coroa, entre outras coisas. Dessa maneira, a proximidade com os detentores dos cargos mais altos da administração colonial podia significar uma série de vantagens. (RICUPERO, 2005)

¹ Indivíduo com atribuições e poderes acima dos capitães donatários.

Os graves problemas internos, aliados a favorável localização geográfica, impulsionaram Portugal para o pioneirismo dentro do processo das Grandes Navegações, fazendo com que este, pelo menos no primeiro momento liderasse a corrida mercantilista por terras colonizáveis no além-mar. A escassez de recursos para a exploração das terras descobertas e o receio de que outras potências do período moderno invadissem as terras brasílicas, fizeram com que Portugal concedesse a particulares o direito da exploração do território descoberto.

Conforme Santos (2007, p.25), no mesmo ano em que a Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por Inácio de Loyola, no século XVI, foi instituída, os seus padres logo se integraram ao Império ultramarino lusitano. Ainda segundo Santos (2007, p. 25), embora a Reforma Católica tenha tomado uma feição marcadamente antiprotestante, por isso chamada de Contra-Reforma, demonstrou um ímpeto renovador e progressista, que visava uma renovação religiosa semelhante, em alguns pontos, àquela que propunha os reformadores protestantes. A Companhia de Jesus, embora fosse defensora da ortodoxia, é também portadora de um projeto de renovação da Igreja, que vai desde o exercício da devoção individual até a afirmação de um Cristianismo abrangente e capaz de conviver, em alguma medida, com as diferenças.

Ainda conforme Santos (2007, p.25), como reflexo de sua prática missionária, a concepção humanista dos jesuítas os colocaria entre os pioneiros da aventura antropológica do pensamento ocidental, porém o mesmo autor adverte que este pioneirismo não se dava de forma desinteressada. Atuando de forma diferenciada em cada região e adaptando-se às circunstâncias, os jesuítas tornaram-se grandes parceiros do projeto colonial português. Embora não significasse que tenham reproduzido fielmente as políticas régias e os interesses dos colonizadores, se afinavam com a legitimidade da empresa colonial e o imperativo maior da expansão da civilização luso-católica. O autor (2007, p. 26) argumenta que é difícil reduzir o peso da motivação religiosa no empreendimento colonial e a assistência espiritual é também uma preocupação central do reinado de D. João III.

Santos (2007, p.26) menciona ainda que sob o padroado lusitano (compromisso entre as ordens religiosas e o monarca), a Companhia de Jesus expande rapidamente sua atuação no mundo e, na América, a Colonização portuguesa evolui e se expande em todos os sentidos. A colonização e povoamento

da ampla região amazônica ensejaram a criação do Estado do Grão Pará e Maranhão, sendo que os demais territórios constituíam o chamado Estado do Brasil, que se desenvolve em torno das povoações pontilhadas ao longo do litoral atlântico e, ampliando-se em direção ao sertão. A economia, desde meados do século XVI, é dominada pela indústria açucareira, além do tabaco e do aguardente que ocupavam lugar de destaque nas trocas por cativos africanos, mão-de-obra fundamental na produção açucareira. Os jesuítas dividiam suas missões entre a Província do Brasil e a Sub-Província do Maranhão.

Santos (2007, p.27) também afirma que embora solidários ao sistema colonial, os jesuítas defenderam, no interior deste sistema, a sua própria linha de atuação. Enquanto que, para os colonos, a dimensão do cultivo e da ordem econômica estava em primeiro lugar, já, para os missionários, a ênfase estava no culto, isto é, no cultivo das almas. Conforme já foi mencionado, os primeiros jesuítas chegaram a Salvador, no ano de 1549, com Tomé de Souza.

A presença jesuíta ocorre no Recôncavo como desdobramento de sua inserção no universo econômico colonial, inclusive também como donos de terras e engenhos. Segundo Santos, (2007, p.27) a dimensão cultural da colonização não estava distante da catequese, com as devidas manifestações públicas de aceitação de uma nova fé e cultura. Assim, conforme argumenta o autor (2007, p.27), tanto colonos como missionários queriam a completa transformação dos nativos em trabalhadores obedientes ao padre e ao patrão.

Santos (2007, p.27) salienta que por meio de uma contribuição diversificada, a Companhia de Jesus marcava sua forte presença no mundo colonial e seu amplo conjunto de igrejas, casas, residências, terras, fazendas e engenhos, revela a amplitude do empreendimento iniciano no Brasil Colonial e confirma a relevância não apenas religiosa, mas também política, cultural e econômica.

É dentro desta perspectiva da Coroa portuguesa de povoar com maior eficiência a sua colônia, que o povoado de São Pedro Velho do Monte da Muritiba surgiu, quando os exploradores portugueses e os jesuítas ali se estabeleceram, aproximadamente no mesmo período da criação do arraial da Cachoeira em 1575. A esta época, ainda no século XVI, segundo Cardoso houve a construção de dois estabelecimentos, uma igreja para aglutinação e para práticas religiosas dos colonizadores ou para os nativos convertidos ao catolicismo, e uma Casa de Misericórdia para atendimento aos doentes.

Segundo o autor existem duas explicações para o desaparecimento de tais edificações igrejas. Sendo uma das versões a de que foram destruídas com a invasão holandesa em 1624 (CARDOSO. 2012, p.21), e outra que as construções tenham sido iniciadas e interrompidas com a construção da Igreja de São Pedro.

A partir da intensificação do processo de exploração da empresa colonial, o açúcar produzido a partir da plantação de cana-de-açúcar se mostrou bastante adaptável ao solo do Recôncavo, tornando este, o principal produto e a base da economia colonial. Mesmo no auge da produção aurífera nas Minas na primeira metade do século XVIII, o açúcar continuou sendo o principal produto da pauta de exportações brasileiras.

Entretanto a impressão muitas vezes transmitida pela historiografia da economia brasileira é que o açúcar viveu seu apogeu nos primórdios do século XVII e então mergulhou em um longo período de estagnação e declínio(...) Apesar de ser verdade que a concorrência externa reduziu severamente a parcela brasileira no mercado açucareiro internacional (...) a história subsequente não foi simplesmente marcada pelo declínio. (...) Embora o Brasil nunca recuperasse sua posição relativa como fornecedor de açúcar no mercado internacional, a indústria açucareira e a classe dos senhores de engenho permaneceram dominantes em regiões como Bahia e Pernambuco. (SCHWARTZ,1988, pp. 144).

A passagem retirada da obra de Schwartz, mostra a posição do açúcar na economia colonial. E a questão do declínio inexistente também é algo bastante relevante. O açúcar na prática nunca diminuiu seu crescimento tanto em produção quanto em comercialização. Em números reais tanto o primeiro aspecto quanto o segundo só fizeram crescer, e isso se refletiu na pauta de exportações do principais produtos brasileiros. Schwartz nos faz entender como o açúcar colaborou com a prosperidade do Recôncavo, região que tinha como principal localidade, a vila da Cachoeira, que tinha dentre suas freguesias, São Pedro do Monte da Muritiba.

O já citado autor, ao se referir ao Recôncavo como principal região fornecedora de produtos e matérias-primas para Salvador no período colonial, menciona também a importância de outras culturas para o desenvolvimento econômico regional, a exemplo do fumo.

Todavia, a despeito da insegurança e rotatividade inerentes à propriedade dos engenhos, ao estabelecer-se o Recôncavo baiano como região açucareira no século XVI, essa atividade nunca mais foi abandonada. Outras culturas, especialmente o fumo, também existiram no Recôncavo, mas nenhuma delas excedeu o valor ou a importância do açúcar. O mercado desse produto podia sofrer grandes flutuações, e a capitania passar por

longos períodos de dificuldades devido à fraca demanda ou aos preços baixos de seus principais produtos agrícolas, mas a Bahia permaneceu, nas épocas boas e más, como importante produtora de açúcar e fumo. O Recôncavo conferiu a Salvador sua existência econômica e estimulou a colonização e o desenvolvimento do sertão; seus senhores de engenho dominaram a vida social e política da capitania por toda a sua história. Falar da Bahia era falar do Recôncavo, e este foi sempre sinônimo de engenhos, açúcar e escravos. (SCHWARTZ. 1988. p. 94).

A citação retratada, ao nosso ver trás uma “radiografia” social e econômica da região na qual a cidade de Muritiba foi “gestada”.

A produção açucareira foi tão importante não só para a Bahia, como também para toda a colônia brasileira, que o produto não era apenas a principal mercadoria, mas funcionava também como moeda de troca. Isto ocorria principalmente porque no período colonial havia uma escassez monetária bastante acentuada, fazendo com que importantes produtos, com grandes valores comerciais também funcionassem como moeda de troca.

É dentro de toda esta conjuntura de ampliação da economia fumageira e açucareira no Recôncavo, que coadunava com o interesse da Igreja Católica em dar impulso no desenvolvimento da religião, que surge a partir do século XVIII inúmeras freguesias – povoação sob o aspecto eclesiástico – e suas respectivas paróquias. Com Muritiba não foi diferente, tendo sua freguesia sido criada no ano de 1705.

O tempo trás à fluência o ano de 1701. Dom Pedro II, de Portugal, há por bem chamar à substituição de Dom João Franco de Oliveira, Dom Sebastião Monteiro da Vide, notável ilustração nas letras canônicas e históricas, portador de acrisoladas virtudes apostólicas e de forte espírito, sobejo de capacidade para o exercício do elevado múnus que o grande critério do rei lhe confiara. Do arcebispo da metrópole primacial do Brasil, com sede na Bahia, foi ele o quinto da série. No seu proveitoso episcopado de representação sua, foram criadas vinte freguesias, em cuja onda entrou Buritiba, ou Muritiba, se esse tempo o vício havia já alterado a feição do seu nome. (CASTRO. apud, CARDOSO. p. 46-47).

Acerca da questão fumageira atualmente, deve-se destacar que após as campanhas contra o tabagismo em todo o mundo a partir das últimas décadas do século XX, o Recôncavo baiano, assim como outras regiões produtoras, passaram por uma desaceleração da produção de fumo.

No final do século XIX, mais precisamente no ano de 1889, fim do segundo reinado, São Félix foi desmembrada do município de Cachoeira passando Muritiba a partir daquele momento a ser distrito de São Félix. Segundo Cardoso apenas após

exatos trinta anos, em 1919, Muritiba foi elevada a categoria de município se desvinculando oficialmente de São Félix.

A partir deste momento, Muritiba passa a ser detentora de terras ao norte que antes pertenceram respectivamente a Cachoeira e São Félix. Foram essas: Cabeças (atual Governador Mangabeira), e São José do Aporá (atual São José do Itaporã).

Três anos depois, em 1922 Muritiba foi elevada a categoria de cidade. Posteriormente foram criados mais dois distritos a oeste do município de Muritiba. Em 1936, Santo Antônio do Jordão (atual Geolândia) e em 1953, o distrito de Cabaceiras do Paraguaçu. Esta última divisão territorial permaneceu inalterada até 1989, quando Cabaceiras do Paraguaçu torna-se cidade.

Conforme os últimos dados do IBGE, o município de Muritiba ocupa uma área de 89,31Km², limitando-se com os municípios de Cachoeira, São Felix, Cruz das Almas, Cabaceiras do Paraguaçu e Governador Mangabeira. É composto, além da sede - Muritiba, por um distrito – São José de Itaporã, além de diversos povoados rurais como, Pau Ferro, Pedrinhas, Beija-Flor, Mil Peixes, Gravatá de Cima, Gravatá de Baixo, Laranjeiras, Carro Quebrado, Baixa grande, Tabuleiro da Baiana, Marimbondo, Pindobeira e Alegre.

A região na qual a cidade está inserida é de tabuleiros, integrando a Bacia hidrográfica do Paraguaçu, composta dos rios Paraguaçu, Capivari e Riacho da Léguas.

A população atual é de 28.899 habitantes e suas principais atividades econômicas são: a pecuária, a silvicultura, e as culturas de milho, feijão, laranja e banana, além da mandioca para a produção de farinha.

Há pouco tempo atrás poderíamos incluir dentre as principais atividades econômicas de Muritiba, o beneficiamento de fumo para a produção de charutos, porém a última fábrica do setor residente na cidade, a Carl Leoni Ltda transferiu-se para outra região baiana em meados de 2009, por desacordos fiscais com o poder público local. Esta fábrica empregava formalmente mais de 300 funcionários, injetando na economia local mais de 180 mil reais por mês.

Muritiba também possui várias manifestações culturais, como grupos musicais, folclóricos e de dança. Além disso, possui também um interessante patrimônio natural, cultural e arquitetônico, com excelente vocação turística. Os principais locais com estas características são: Fonte da Baixinha, fonte do Caquende e fonte dos Padres, esta última, segundo relatos historiográficos visitada inclusive pelo

Imperador D. Pedro II em uma de suas visitas ao longo da segunda metade do século XIX na região.

Dentre outros patrimônios, pode-se mencionar a Casa do Dendê, a Igreja do Bonfim construída no século XIX e a Igreja de São Pedro, esta do século XVIII e objeto deste estudo, considerada por Cardoso (2012, p. 39) como a certidão de nascimento da cidade de Muritiba.

As filarmônicas locais também compõe o rico patrimônio muritibano. Além de terem uma importante atuação do ponto de vista artístico-cultural, funcionam também como elementos de inclusão social, oportunizando aos jovens o acesso a aprendizagem de música de forma gratuita.

Muitos foram os estudantes de música da Lira popular Muritibana e da Associação Filarmônica 5 de Março que atualmente vivem profissionalmente da música, tanto em bandas locais e regionais, como também em bandas reconhecidas nacionalmente.

São Pedro é o Padroeiro da cidade, a festa é comemorada no período de 27 a 29 de junho, com a realização no feriado de missa solene seguida de procissão. A parte profana desta mesma festa é chamada tradicionalmente de Forró da Serra, este nome é uma alusão devido posição geográfica da cidade, e ao fato de ser uma das únicas cidades do recôncavo a realizar a festa em homenagem a São Pedro.

Neste evento junino, além de atrações musicais externas e locais, é possível presenciar a apresentação de quadrilhas, de grupos folclóricos, a comercialização de alimentos típicos do período.

Dessa maneira, a partir deste relato histórico percebe-se como a cidade de Muritiba se insere na formação do Recôncavo e sua contribuição econômica e cultural para a região. Apesar de um povoamento pequeno, sem o brilho de Cachoeira, Santo Amaro e São Francisco do Conde, a pequena vila também se insere nos tempos áureos da história açucareira e tabagista do Recôncavo.

2.1 IGREJA DE SÃO PEDRO: HISTÓRIA, ASPECTOS ESTRUTURAIS, FUNCIONAIS E ACERVOS

Como na maioria das igrejas do período de sua construção, a Igreja Matriz de São Pedro era o lugar central de convergência e socialização. Além de estar no centro da cidade, a igreja era uma das alternativas de vida social para cavalheiros, damas e sinhás, momento em que exibiam seus trajes e jóias. Porém, para o templo

também convergiam os interesses políticos, econômicos e de ascensão social, até mesmo para as classes menos abastadas e escravos, que adeptos do sincretismo ou do paralelismo religioso, participavam de práticas católicas como forma e inserção social. Portanto a Igreja de São Pedro também é lugar de memória, uma vez que ainda continua sendo local de prática dos rituais religiosos que ensejaram a sua fundação, bem como, embora transformados ao longo do tempo, ainda continua sendo local dos encontros sociais, políticos e econômicos, devidamente atualizados e adaptados aos novos costumes. Atualmente, também é objeto de visitação de turistas, pela existência dos elementos artísticos do prédio e do seu acervo de imaginárias, os quais se encontram relacionados no Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados.

2.1.1 Azulejos da Igreja Matriz de São Pedro

Segundo Cardoso (2012, p 284) o conjunto de azulejos, veio de Portugal e foi anexado a Igreja no momento de sua constru o. S  existem mais dois do mesmo estilo no Brasil, um na Igreja do Rosário dos Pretos, em Salvador, e outro na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, no Rio de Janeiro.

Painéis de azulejos portugueses, policromados, em estilo rococó, formam conjunto composto por 12 quadros que contam a passagem de São Pedro no Apostolado de Cristo.

2.2 DESCRI O DO ACERVO

O principal acervo da Igreja matriz de São Pedro   ela própria. Devido ao seu valor histórico documental, datado do século XVIII, viu nascer, ao ser redor, a cidade de Muritiba (fig. 01). O edifício possui planta de nave única, com duas sacristias superpostas por consist rios. Pode ser observado (fig. 02) que a fachada principal é subdividida em três partes por pilastras que suportam a cornija, sobre a qual assentam tr s frontões recortados. Três portas de acesso e cinco janelas de coro vazam o frontispício.

Figura 01 – Imagem da Igreja Matriz de São Pedro anos 1950



FONTE: Jandira Simões (1950 aprox.)

A Igreja matriz de São Pedro está localizada em praça de mesmo nome, arborizada, em que convergem vários logradouros públicos e palco de diversas manifestações culturais. Vê-se, na imagem (fig. 02) a área em frente a igreja antes de se tornar a conhecida Praça de São Pedro. A igreja, ainda hoje, encontra-se sem tombamento apesar da sua fachada pertencer ao estilo Rococó, assim como a talha e azulejos do interior do edifício.

Figura 02 – Imagem da Igreja Matriz de São Pedro na atualidade



FONTE: autora (2012)

Na área externa da Igreja, ao lado do templo, encontra-se uma imagem de São Pedro (fig. 03) em fibra de vidro, pintada na cor cobre que ratifica a importância e veneração ao santo padroeiro da cidade.

Figura 03 – Imagem externa de São Pedro



FONTE: autora (2012)

Partindo para o interior da Igreja, para descrever algumas peças do seu acervo e importância nos depósitos com belos exemplares de imaginária, azulejaria e talha. Cada objeto conta um pouco da história do templo, visto que foram adquiridos aos poucos e que como documentos históricos, demonstram como os muritibanos lidavam com a questão religiosa e quanto estavam dispostos a investir para o templo ser belo aos olhos de Deus e dos homens.

A primeira peça a ser descrita pertence a imaginária do templo, um Cristo crucificado (fig. 04), do século XIX, em metal e madeira entalhada e policromada nas cores marrom, vermelho e bege encarnação, apresentando já algumas restaurações. A imagem tem relevância histórica devido as características artísticas e iconográficas da peça. Com cabeça pendente sobre o peito do lado direito, conhecido como Senhor do Bonfim e Senhor Morto na Cruz, também uma grande devoção da comunidade, a representação representa o último suspiro de Cristo, tendo como elementos ornamentais reservas, plumas, rocalhas e ramagens.

Figura 04 – Cristo crucificado



FONTE: autora (2012)

A segunda imagem a ser descrita (fig. 05) encontra-se no transépto, lateral esquerda. A escultura de Nossa Senhora da Conceição data do século XIX, em madeira entalhada e policromada, já tendo sido realizada restaurações. Em estilo Barroco, com pintura policromada e douramento modificado por repinturas e descaracterizado, com encarnação alaranjada e olhos de vidro, a imagem apresenta decoração fitomórfica. É descrita como Nossa Senhora da Conceição, um dos títulos de Maria, relacionado a concepção, devido ao quarto crescente. É uma imagem imponente devido ao volume e detalhes da peça.

Figura 05 – Imagem de Nossa Senhora da Conceição



FONTE: autora (2012)

Seguindo a descrição das imagens, encontra-se no transépto, do lado direito a imagem de Nossa Senhora do Rosário (fig. 06). Pertencente ao século XIX, em madeira entalhada e policromada, também já sofreu restaurações. Na imagem houve repintura nas cores marrom, amarelo, azul, verde e vermelho carnação cor de rosa e olhos de vidro em ambos; dourado com repintura na técnica a óleo, de acordo com o inventário do IPAC (2006). Possui características de peças barrocas do século XVIII e a repintura descaracterizou a policromia. Percebe-se que se trata de Nossa Senhora do Rosário devido ao seu principal atributo, o rosário, na mão direita. A devoção está relacionada a aparição da Virgem a São Domingos no combate a heresia. Os principais ornamentos da peça são folhagens, rosas, estrelas e folhas estilizadas.

Ornamentação: folhagens, rosas, estrelas, folhas estilizadas.

Figura 06 – Imagem de Nossa Senhora do Rosário



FONTE: autora (2012)

Outra imagem da Virgem Maria está presente no corpo da Igreja. Trata-se da Piedade (fig.07), que se encontra na nave, na lateral direita. Datada do século XIX, em madeira entalhada e policromada, já sofreu restaurações que substituí as partes douradas por ouro sintético. A imagem possui repintura nas cores azul, roxo e vermelho com carnação de cor rosa no Cristo e bege em Nossa Senhora. Os olhos são de vidro. A peça apresenta característica neoclássica devido a inexpressividade visual, apesar de conjuntos de esculturas, como a Sagrada Família, em geral,

apresenta movimentação tipicamente barroca. Decoração fitomórfica com aplicação de ouro sintético. Esta imagem de Maria com o filho nos braços, após ter descido da cruz talvez nunca tenha ocorrido, contudo, a cena está relacionada a piedade cristã, ao humanismo e no Brasil ,conforme o inventário do IPAC (2006), é a devoção favorita dos mineiros.

Figura 07 – Imagem da Piedade



FONTE: autora (2012)

Partindo para a descrição das demais imagens, faz parte do acervo da instituição uma imagem de São Pedro datada do século XVIII, em madeira entalhada dourada e policromada. Com pintura realizada na técnica de têmpera nas cores marrom e vermelho, carnação cor de rosa, olhos de vidro, panejamento dourado e características renascentistas é um importante exemplar da imaginária baiana apesar de possivelmente ter sofrido repintura. Tem como ornamentação frisos dourados, ramagens e folhagens. Apesar do apóstolo favorito de Cristo e segunda devoção mais importante da hagiologia cristã, não tem tantos devotos na Bahia. Vale a pena ressaltar um pouco da sua história: pescador de ofício, irmão de Andre, foi o 1º Papa mas ficou conhecido por negar Cristo por três vezes. Morreu crucificado, sob o governo de Nero, no ano de 67 D.C. seus atributos aqui representados são a mitra e a cruz papal com as três coroas e as três hastes horizontais respectivamente (IPAC, 2006).

Figura 08 – Imagem de São Pedro



FONTE: autora (2012)

Outra imagem da igreja, São Gonçalo (fig.9), não é tão fácil de identificar quanto o padroeiro São Pedro. Imagem provavelmente do final do século XIX, em madeira entalhada e policromada nas cores marrom, azul, vermelho, e verde, com carnação de cor bege, olhos de vidro e base em forma de rochas. A imagem tem influência neoclássica tendendo a verticalidade predominância da linha reta e feição inexpressiva (IPAC, 2006). Sobre a devoção ao santo, foi peregrino e foi de Roma até a Terra Santa, tornou-se eremita e ajudava a população entre os rios Minho e Douro, é um santo português.

Figura 09 – Imagem de São Gonçalo



FONTE: autora (2012)

A imagem descrita a seguir (fig. 10), não pertence a Igreja Matriz de São Pedro. Pertencente a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, em salinas das margaridas, a Santana mestra, provavelmente do século XIX, em madeira entalhada e policromada nas cores lilás, verde, azul, marrom e vermelho no espelho da cadeira, carnação de cor bege e olhos de vidro em ambos, com repintura parcial alegre quem a vê. Possui decoração fitomórfa com a aplicação de dourado. A respeito da importância da imagem na igreja, além do valor artístico está relacionada a história da Virgem Maria. Mãe de Maria, foi a responsável por conduzir a filha ao caminho do bem, do ponto de vista hagiográfico deve ser associada a ida da menina ao templo. Aqui no caso é chamada Santana Mestra por está ensinando lição a Maria.

Figura 10 – Imagem de Santana Mestra



FONTE: autora (2012)

Um dos santos prediletos da devoção católica, Santo Antônio (fig. 11), não poderia faltar no templo religioso estudado. Imagem do século XIX, em madeira entalhada e policromada nas cores marrom nas vestes e rosa na carnação, em que houve repintura, possui olhos de vidro e decoração fitomórfa com aplicação de dourado. Nascido em Lisboa, pertenceu a Ordem dos Agostinianos e após vários milagres, morreu em Pádua, por isso, Antônio de Pádua. Para quem não conhece é um santo de fácil identificação pois tem como atributos a cruz símbolo da sua fé e capacidade de conciliação, o Menino Jesus sobre um livro, fruto do relato de um monge ao lhe ver uma noite conversando em sua cela com o Menino Jesus.

Figura 11 – Imagem de Santo Antônio



FONTE: autora (2012)

Bastante venerado nas igrejas do recôncavo, com grupos formados e dia de festejo, a imagem do Coração de Jesus (fig.12) é de grande importância para o acervo da Igreja Matriz de São Pedro. Localizada na nave, no lado direito, datado do século XIX, em madeira, entalhada e policromada nas cores vermelho, bege, azul e preto, com carnação de cor rosa em que já sofreu repintura e olhos de vidro. Possui ainda decoração fitomórfica, frisos e estrelas, com aplicação de dourado. A devoção está relacionada a aparição de Cristo a uma jovem francesa com o coração em chamas no século XVII, a devoção foi oficializada no século XIX.

Figura 12 – Imagem do Coração de Jesus



FONTE: autora (2012)

Outra imagem de forte devoção popular pertencente ao acervo da Igreja Matriz de São Pedro é Santa Luzia (fig. 13). Localizada na nave, lateral direita, do século XIX, em madeira entalhada e policromada nas cores marrom, azul, vermelho e verde, com carnação de cor rosa e olhos de vidro. A decoração é fitomórfa com aplicação de dourado e incrustação de pedras coloridas, é uma imagem bela. Seu atributo para reconhecimento é os olhos dentro de um prato, que foram retirados para impressionar um tirano, trazendo à mão a palma do martírio.

Figura 13 – Imagem de Santa Luzia



FONTE: autora (2012)

A Igreja matriz de São Pedro também possui uma imagem de São José (fig. 14). Localizada na nave, lateral esquerda, do século XIX, em madeira entalhada e policromada amarelo, lilás e dourado. Possui grande devoção na região, em especial dos agricultores. A ornamentação está nas curvas e contracurvas da peça.

Figura 14 – Imagem de São José



FONTE: autora (2012)

Ainda na nave lateral esquerda, possui uma imagem de Maria (fig. 15), para fazer par com a imagem do seu esposo São José, em madeira entalhada e policromada, datada do século XIX, que já sofreu restaurações. Imagem com douramento por toda a peça formando desenhos fitomórfos integra conjunto da sagrada família em que é conduzido o menino Jesus para o templo.

Figura 15 – Imagem de Maria com menino Jesus



FONTE: autora (2012)

Localizado na sacristia encontra-se o Cristo da Ressureição (fig. 16), datado do século XIX, em madeira entalhada e policromada e já sofreu restaurações. Reflete uma cena da paixão de Cristo, muito bom para fins didáticos.

Figura 16 – Imagem de Cristo da ressurreição



FONTE: autora (2012)

Partindo para a descrição dos bens móveis integrados, é de grande importância artística o altar-mor localizado na capela-mor. Datado do século XIX e confeccionado em tijolo, pedra, madeira, alvenaria e entalhe é um belo exemplar do Neoclássico que sofreu repinturas ao longo dos anos. Devido a sua composição, de acordo com o Inventário do IPAC (2006), o conjunto, provavelmente foi feito em dois tempos. A estrutura neoclássica deve datar do século XIX, enquanto os camarins devem ter sido feitos no século XX em substituição a trono que deveria ali existir. Possui como símbolos aspectos relacionados ao padroeiro e do estilo da época; tiara com duas chaves cruzadas, (símbolo pontifical) e principal atributo da iconografia de São Pedro, o 1º papa. As chaves simbolizam o poder terreno e o celestial; feixes de ramos de trigo e cachos de uvas, simbolizam a Eucaristia. Ornamentação: frisos em óvalos e dardos, dentelos, barras paralelas, redenturas, mísulas, cálice de folhas, curvas, contracurvas, volutas, laços, formas de jarro e pinhas estilizadas.

Figura 17 – Imagem do altar-mor da Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

Outro importante bem móvel integrado do templo é o arco-cruzeiro (fig. 18). Localizado no transépto, também do século XIX, em madeira, recorte e entalhe produz uma harmoniosa decoração interna. Segundo o Inventário do IPAC (2006) é composto de pilastras contornadas por molduras salientes, no centro larga cercadura de formas elípticas contendo rosáceas; as pilastras apoiam-se sobre

socos. Rematando as pilastras, corninja em ressaltado sustentando arco contornado por molduras em ressaltado. No intradorso, cercadura de formas elípticas contendo rosáceas, o arco é centrado por fecho com ornato em forma de cartela com volutas.

Figura 18 – Imagem do arco-cruzeiro da Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

Outros elementos dos bens móveis integrados do templo são os retábulos (fig. 19, 20 e 21) localizados nos transéptos na lateral esquerda e direita, também do século XIX, em madeira, vidro, recorte e entalhe que sofreu repinturas ao longo dos anos. Compõem de maneira harmoniosa os aspectos internos do edifício.

Figura 19 – Imagem de retábulo lateral esquerdo



FONTE: autora (2012)

Figura 20 – Imagem de retábulo lateral direito



FONTE: autora (2012)

Figura 21 – Imagem de retábulo lateral direita



FONTE: autora (2012)

A pia batismal da Igreja Matriz de São Pedro confeccionada em pedra além do valor artístico possui um estimado valor histórico. De acordo com CARDOSO apud CASTRO (1941, p.73) em 09 de julho de 1847 nosso poeta Castro Alves foi batizado na Igreja Matriz de São Pedro, aos quatro meses de vida, pelo Padre João do Monte Olivete Paiva.

Figura 22 – Pia batismal da igreja matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

Por último, iremos analisar a importância dos azulejos na composição dos elementos artísticos e históricos da Igreja Matriz de São Pedro. Usados para a doutrinação de fiéis a azulejaria foi um importante recurso face ao número de analfabetos entre os católicos. Passagens bíblicas e exemplos da vida de caridade dos santos. No templo os azulejos estão relacionados a vida de São Pedro e foram produzidos no século XIX. A primeira cena retratada encontra-se em (Mt 17, 24-26), sendo Pedro retirando a moeda da boca do peixe para pagamento do tributo (fig. 23). Apresenta características dos painéis oitocentistas, mas com elementos próprios desse período. Ornamentação Rococó, manutenção de figuração Maneirista ou Rococó, e acréscimo de cores além do branco e azul básicos. A descrição apresentada pelo Inventário do IPAC (2006) é a seguinte: Painel retangular com cena representando, ao centro, figura masculina de aspecto idoso; calvo, barba longa; em genuflexão, segurando nas mãos um peixe. Usa túnica e manto. Compõem o cenário um rio, nuvens, figuras de pescadores, vegetação, árvores; no fundo, casas. Envolvendo o painel, ornatos em rocailles, palmas, ramalhetes com heléboros, rosas e folhagens nas cores azul, rosa e verde. Remetendo a parte superior e inferior do painel, formas de molduras em amarelo, campo em escaiola azul.

Figura 23 – Imagem de cena bíblica do azulejo da igreja matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

O segundo painel de azulejo fotografado pertence a passagem bíblica (Mt 28,18-20) em que Pedro prega a Boa Nova à multidão (fig. 24). Possui as mesmas características de ornamentação Rococó do painel anterior. A ornamentação ou moldura do painel é realizada com rocailles, heléboros, rosas, folhagem, formas de pilastras, várias molduras, palmas. A descrição conforme o inventário do IPAC (2006) e percepção da autora é a seguinte: Há um momento na vida de Pedro em o mesmo é preso por difundir a idéia da ressurreição de Jesus. Num tribunal em Jerusalém entre príncipes, senadores e os doutores da lei, como Anás, Caifás, João, Alexandre, etc. Pedro defende a idéia da divindade de Cristo.

Figura 24 – Imagem de painel de azulejo na Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

A terceira cena fotografada está presente na bíblia em (At 3, 1-11) em que na passagem tem um mendigo pedindo esmola. Pedro e João não dão moedas, porem

recuperam o aleijado, conforme o poder que lhes foi dado por Jesus (fig. 25). Datado também da mesma época e com decoração no mesmo estilo. A ornamentação é semelhante as demais com rocalles, palmas, heléboros, folhagens, molduras, formas de pilastras. A iconografia deve remeter a algum dos milagres de São Pedro.

Figura 25 – Imagem painel de azulejo na Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

O quarto painel fotografado encontra-se a cena bíblica em (Lc 5, 1-11), se trata da pesca milagrosa, com Pedro e demais discípulos puxando a rede (fig. 26). Características estilísticas iguais aos anteriores. A cena relaciona-se ao início da peregrinação de Pedro ao lado de Jesus.

Figura 26 – Imagem painel de azulejo na Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

O quinto painel aqui apresentado foi revelado na passagem bíblica (Mt 14, 22-33) em que Jesus caminha sobre as águas. Convida a Pedro, que submerge, revelando pouca fé no poder do Mestre (fig. 27). Possui características de estilo e ornamentação iguais aos anteriores. A descrição iconográfica é a seguinte: Jesus veio a eles na quarta hora da noite, andando sobre as ondas... e o temor fê-los dar um grande grito de pavor... mas imediatamente ele lhes falou, e lhes disse: acalmavos, sou eu, não temais!. Senhor, disse-lhe Pedro, se sois vós ordenai que eu vá ate vós sobre as águas. Vinde, disse-lhe Jesus. E Pedro descendo da barca, andou sobre a água, para ir até Jesus. E ai Pedro tendo medo começou a afundar, Jesus intervindo disse-lhe: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?” Há na vida de São Pedro varias passagens ligadas as águas, devido a sua condição de pescador (IPAC, 2006).

Figura 27 – Imagem painel de azulejo na Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

O sexto painel apresentado em (Mt 16, 13-20) é muito importante para a edificação da igreja pois Jesus dá a Pedro a missão de dirigir a sua Igreja (fig. 28). Nele é observado a posição de destaque de Pedro em relação aos outros discípulos e a postura do mesmo ao comunicado. Infelizmente há ausência de dois azulejos.

Figura 28 – Imagem painel de azulejo na Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

A sétima cena aqui apresentada encontra-se em (At 5, 29-33) sendo a pregação apostólica de Pedro (fig. 29). O Painel composto de dois estilos diversos. A parte interna, narrando uma cena, tem características maneiristas, já com tendência ao neoclassicismo. A moldura é caracteristicamente rococó e teve essa função por largo tempo, quando tornou mais suaves as formas barrocas que, no período anterior ocupava esse espaço. O acréscimo de cores, além do azul e branco e típico do período. Infelizmente há a ausência de quatro azulejos, sendo notável a necessidade de restauração no conjunto.

Figura 29 – Imagem painel de azulejo na Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

A oitava cena aqui apresentada encontra-se em (At 5, 26-30) chamado o julgamento de Pedro (fig.30). Possui as mesmas características estilísticas do painel anterior.

Figura 30 – Imagem painel de azulejo na Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

A nona cena do templo pode ser lida na bíblia em (At 5, 17-20) em que Pedro, novamente preso e acorrentado, é libertado por um anjo (fig. 31). Possui a mesma característica mista de estilos dos painéis anteriores. O painel mostra o anjo se desvencilhando dos soldados de forma grandiosa.

Figura 31 – Imagem de painel de azulejo da Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

A décima cena bíblica encontra-se em (At 4, 1-4) seno a primeira prisão de Pedro (fig. 32). Pedro é preso por pregar novas revelações sobre Jesus. Estilo igual aos anteriores.

Figura 32 – Imagem de painel de azulejo da Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

A décima primeira cena apresentada no templo encontra-se em (Mt 28, 18-20) em que Pedro cura os doentes (fig. 33). A figura central e firme do apóstolo contrasta com os enfermos que ladeiam o painel. Estilo igual aos demais painéis.

Figura 33 – Imagem de painel de azulejo da Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

O décimo quarto e último painel aqui apresentado pode ser encontrado na bíblia em (Mt 26, 73-75), sendo a famosa negação de Pedro a Cristo. A passagem bíblica talvez mais conhecida do apóstolo é retratada de maneira triunfal: a postura de quem pergunta é irônica, zombeteira, a de Pedro assustado e ao canto um público que assiste a negação do discípulo.

Figura 34 – Imagem de painel de azulejo da Igreja Matriz de São Pedro



FONTE: autora (2012)

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS AO PÚBLICO DA IGREJA MATRIZ DE SÃO PEDRO.

A Igreja Matriz de São Pedro apresenta um perfil de visitante eclético, com pessoas de todas as idades, níveis social, etnia e escolaridade. São visitantes da comunidade, de cidades circunvizinhas e até de outros estados.

Como já foi mencionado no capítulo anterior a Igreja Matriz de São Pedro oferece aos visitantes vários elementos artísticos e objetos ainda em uso que conta a história da cidade. A Igreja seria, numa comparação simples, “o edifício do museu”, um edifício histórico com um alto valor para a sociedade, e os elementos que integram o edifício como pinturas, painéis de azulejos, talhas e objetos litúrgicos, são os objetos que preenchem esta “exposição”.

Os questionários e as entrevistas realizadas foram muito importantes para analisar o tipo de visitante e a importância da Igreja Matriz de São Pedro na comunidade, sabendo da relevância desse patrimônio histórico, artístico e cultural, lugar de memória e construção coletiva que aponta para a necessidade de estudo de público da instituição.

A realização do estudo de público, estabelecendo um diagnóstico dos seus usuários, é motivada pela expressividade de elementos artísticos e bens móveis que a Igreja possui como também reside na necessidade de compreender, na atualidade, a valorização do monumento para a construção da identidade do povo muritiba, conhecer o perfil do público que a visita, é saber o que significa esse patrimônio para os visitantes, sua relevância social e cultural.

O público das instituições museais é composto por visitantes/usuários, funcionários, que também são considerados público deste patrimônio (público interno).

Conforme foi retratado no capítulo anterior, segundo Woollard (2004, p.118), os questionários aplicados aos visitantes podem ser de dois tipos: qualitativos e quantitativos. Aos questionários qualitativos cabe observar como o público reage a visita do museu. Aos quantitativos cabe a análise, em porcentagem, do número de pessoas, do bairro que visita o museu, turistas, como chegam até o local, à influência, e a renda para a formação de público frequentador, etc.

Dentro do aspecto qualitativo abordado nos questionários, devem-se perceber os tipos de público que freqüenta a instituição. A aplicação de questionários ao público visitante requer planejamento e técnica.

Durante o estudo de avaliação de público da Igreja Matriz de São Pedro, as pessoas ouvidas foram aquelas que na sua relação com a Igreja vêm lhes atribuindo os valores que constituem o seu patrimônio cultural: os fiéis e a comunidade em geral.

Padre José Oliveira Santos, responsável pela Igreja Matriz de São Pedro desde 1975 nos afirmou que a Igreja não é tombada, e segundo ele o tombamento é ótimo para conservação e preservação do patrimônio, mas existe um agravante que é com o cumprimento de prazos, então ele acredita, ser melhor contratar pessoas que trabalham na área de restauro para manutenção da Igreja, com o auxílio da verba do pastoral do Dízimo.

3.1 ANÁLISE DE DADOS DA AVALIAÇÃO COM O PÚBLICO INTERNO

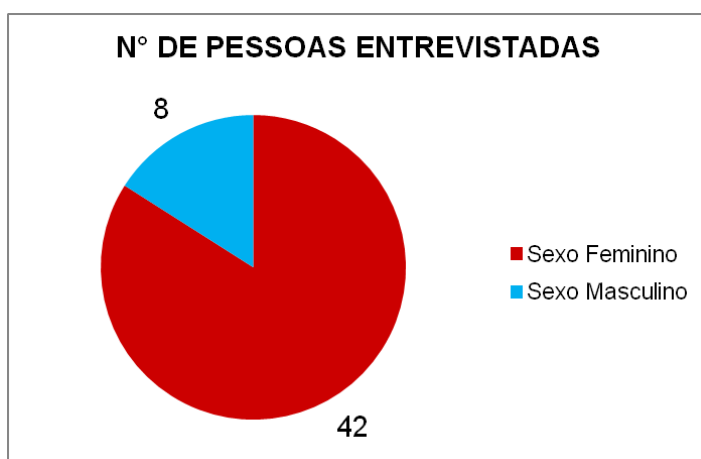
Perguntado ao público interno qual a finalidade das visitas a Igreja Matriz de São Pedro, segundo o Pe. José os fiéis vão à Igreja com a finalidade de agradecer a Deus suas graças alcançadas, ouvir a palavra divina nas celebrações das missas, e outros vão se confessar. Existem aqueles que além de assistir a missa, admira o Patrimônio, como as Imagens e as pinturas dos azulejos, no qual conta a historia de São Pedro, o conjunto veio de Portugal e foi anexado a Igreja no momento de sua construção.

A mesma pergunta foi feita para Amado Santos, secretário da Paróquia de São Pedro, trabalha há pouco mais de 25 anos, o mesmo responde que o público visita a Igreja com a finalidade de agradecer a Deus suas conquistas, os fiéis que sempre estão presentes participando das celebrações, outros vão admirar o Patrimônio. Segundo ele os azulejos da Igreja são riquíssimo acervo, para as futuras gerações entender melhor a paróquia, através das pinturas bíblicas que conta a historia sobre a vida de São Pedro.

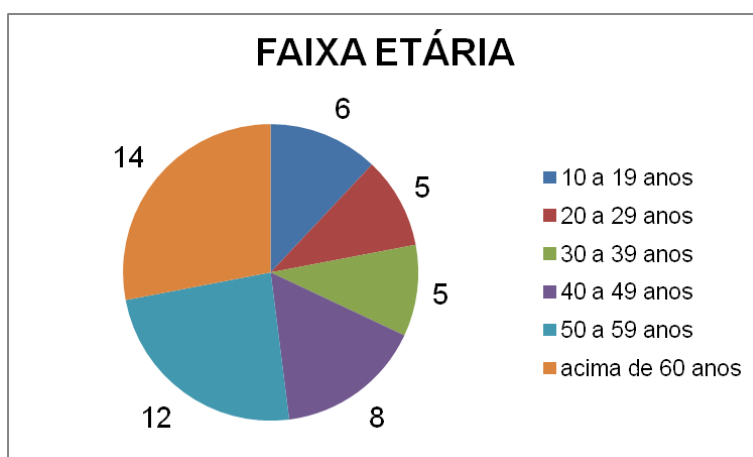
3.2 ANÁLISE DE DADOS DA AVALIAÇÃO COM O PÚBLICO VISITANTE (USUÁRIO)

Para a compreensão do perfil do público externo da Igreja Matriz de São Pedro e como utilizam seu patrimônio foram aplicados 50 questionários ao público visitante. Os questionários foram aplicados durante o mês de agosto em dias alternados, exceto aos domingos em que a Igreja recebem na sua grande maioria fiéis para a missa. Foi pensado em se observar o público que frequenta a Igreja ao longo da semana.

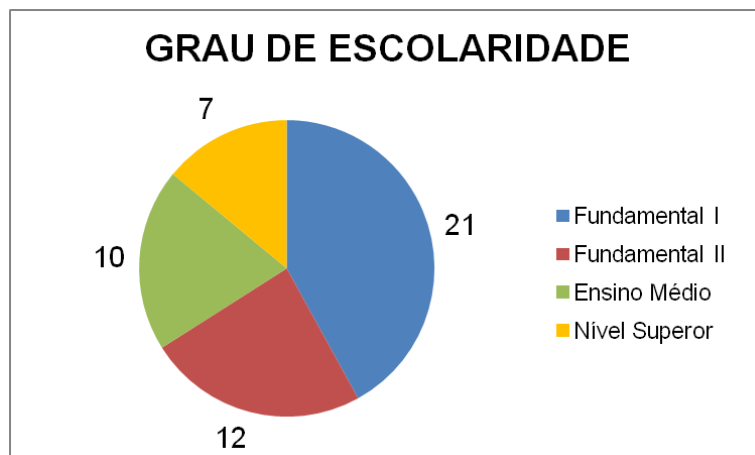
Dentre os visitantes entrevistados constatamos que o maior número são de mulheres.



Relacionado a faixa etária constatamos que a maior frequência encontra-se nas pessoas acima dos quarenta anos em contrapartida ao menor número de visitantes jovens.



Observado o grau de instrução, a maioria dos entrevistados apenas concluíram ou o fundamental I ou II. A frequência de pessoas de nível superior é muito baixa.



Foi constatado também que os visitantes da matriz de São Pedro são na esmagadora maioria muritibanos.



Perguntado aos visitantes o que a Igreja Matriz de São Pedro representava para o usuário foi respondido que:

- Segundo dona A.R, 61 anos a Igreja é a casa de Deus, lugar onde encontro a paz de espírito. Sempre aos Domingos vou para Igreja.

- Segundo a estudante de Pedagogia, 25 anos a Igreja é local de fé, de paz de espírito. Visito a Igreja sempre aos domingos. E quando foi perguntada a mesma sobre “Qual a importância da Igreja de São Pedro para a cidade de Muritiba?”, ela respondeu que “A Igreja de São Pedro é riquíssimo em detalhes, como as pinturas na parede (azulejos) e é uma Igreja antiga fundada no século XVIII”.

▪ Segundo L. F, 69 anos a Igreja representa a casa de Deus. Visito a Igreja sempre que posso e tenho saúde. Muritiba se desenvolveu depois da Igreja.

▪ Segundo A.S , 63 anos a Igreja representa a minha casa, pois me sinto bem a vontade. Toda cidade tem que ter uma Igreja, pode faltar estudo, mas não pode faltar religião. Visito a Igreja sempre aos domingos.

▪ Segundo R. C, 53 anos toda, a religião é tudo para o ser humano, sem a palavra de Deus não somos nada. Visito a Igreja as Quartas- feira na missa da misericórdia e aos domingos. Não soube responder o que a Igreja de São Pedro representa para Muritiba.

▪ Maria de F.C, 48 anos a Igreja representa a casa de Deus. Visita a Igreja as Quarta-feira e aos Domingos. Não soube responder o que a Igreja de São Pedro representa para Muritiba.

▪ Segundo R. S, 29 anos a Igreja representa espaço de fé católica, realizações e bençãos. A Igreja de São Pedro é muito antiga do meado do século XVIII. Visita a Igreja sempre aos domingos.

▪ Segundo dona F. S. J, 77 anos a Igreja é aonde rezamos, pedimos e agradecemos a Deus pelas Graças alcançadas. Visita a Igreja sempre que pode, quarta-feira, sexta-feira e domingos.

▪ Segundo S. F, 44 anos reside na Zona Rural de Muritiba, a Igreja é muito importante para o ser humano, sem a religião estamos desamparados. Visita a Igreja as quartas-feira e aos domingos.

▪ Segundo Dona F. P. O, 69 anos a Igreja representa tudo para mim, ouvir a palavra de Deus é muito bom. Faz parte da comissão da Igreja “Coração de Jesus”.

▪ Segundo M. S, 16 anos a Igreja representa o Templo religioso, local de fé católica cristã. Visita a Igreja desde criança com sua mãe e sua avó.

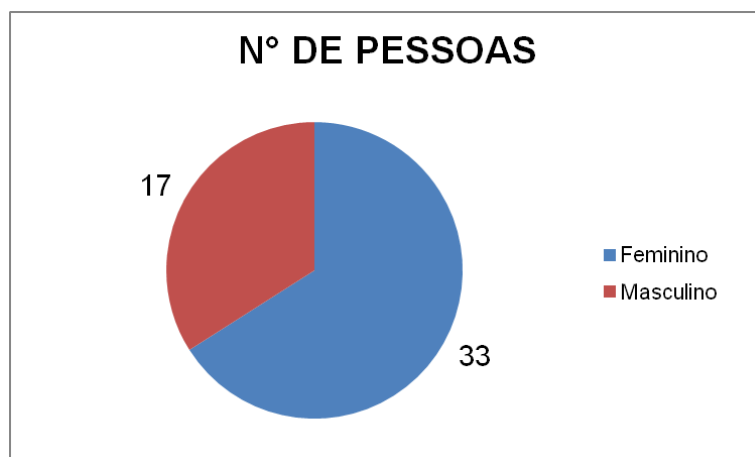
Perguntado aos visitantes o que entendiam sobre patrimônio, obtivemos respostas confusas ou não souberam responder. Ficou evidente que não sabem muito ao certo a definição do termo. Todavia, nos ofereceram respostas relacionadas como: falaram que patrimônio significa a Igreja, pois é antiga; outros que é lugar histórico; e alguns responderam que patrimônio significa casarões antigos e que foi importante no passado.

Perguntado em seguida ao público se sabiam que a Igreja possui objetos que fazem parte do patrimônio cultural de Muritiba, a maioria respondeu positivamente, elegendo a imaginária e a azulejaria como patrimônio.

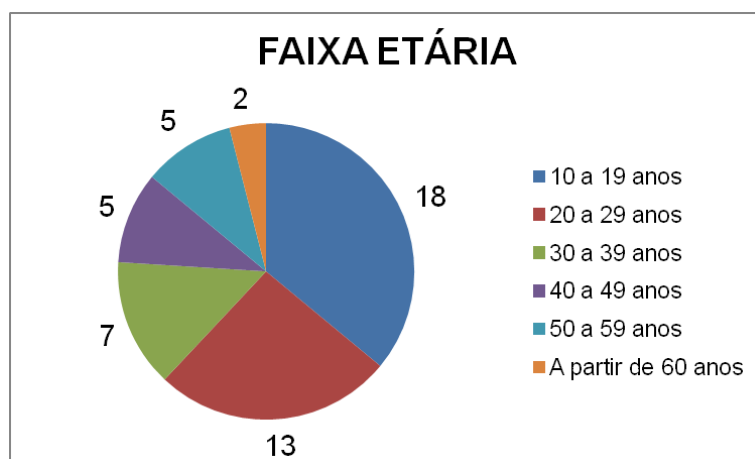
3.3 ANÁLISE DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS COM O PÚBLICO POTENCIAL

Foram realizados 50 questionários com as pessoas que moram ao entorno da Igreja e aqueles que freqüentam a Praça Matriz de São Pedro.

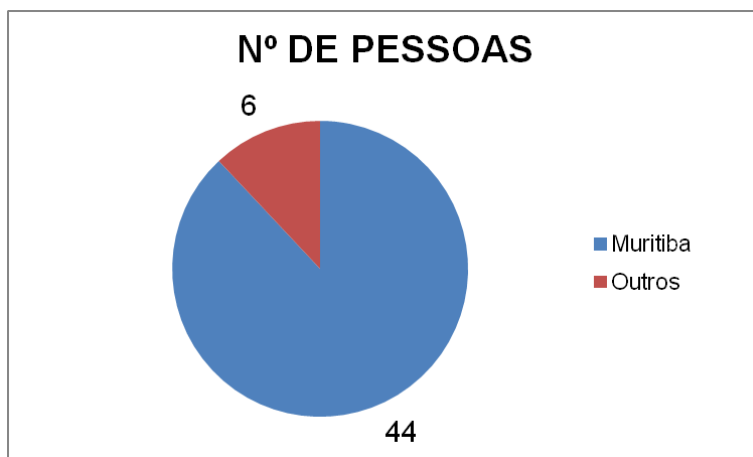
O número de mulheres, como no público usuário, ultrapassou a número de homens.



Relacionado a faixa etária ficou constatado que o público que frequenta o entorno da Igreja é composto na sua grande maioria de jovens, ao contrário dos que frequentam o templo religioso. Os números estão relacionados ao público em potencial usar a praça como ponto de encontro e lazer.



Foi constatado também um número um pouco maior de pessoas de outras cidades no entorno da Igreja. Contudo, a grande maioria continua sendo de muritibanos.



Perguntado ao público em potencial o que a Igreja Matriz de São Pedro representa para ele, a maioria dos entrevistados disse que a Igreja de São Pedro religiosamente não representa nada, e que nunca reparou no Patrimônio Histórico e Artístico da Igreja de São Pedro, formado pela fachada, imagens, azulejos, etc. Alguns jovens disse que não costuma freqüentar por motivo de incentivo familiar que não houve enquanto crianças, mas acha a Igreja e a fachada muito bonita.

A maioria do público em potencial freqüenta o entorno da Igreja, a praça para fazer atividades físicas, levar os filhos para brincar no parque, mas não para visitar a Igreja enquanto lugar de pratica religiosa ou patrimônio histórico, artístico e cultural muritibano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja Matriz de São Pedro, como a maioria das Igrejas do Recôncavo baiano construídas no período colonial nos revelam diversos aspectos da economia, política e cultura que as edificaram e fizeram pólos culturais. Em uma época em que freqüentar um templo religioso católico era muito além de ir encontrar-se com Deus, a Igreja edificada no alto da serra em homenagem ao primeiro papa soube cumprir muito bem o seu papel.

Como os diversos templos religiosos de sua época, a Igreja Matriz de São Pedro, está repleta de elementos artísticos de grande valor histórico. Compreendê-lo como patrimônio dos muritibanos e local de memória foi parte importante deste trabalho. As discussões teóricas a respeito de patrimônio e memória tiveram a idéia de inserir o templo no rol dos bens que contam a história de um grupo social.

A realização deste estudo, quanto a parte prática, foi pautada no estudo de público para compreensão da Igreja referida como patrimônio. A partir da análise do público interno, externo e potencial podem-se observar várias questões.

Referente ao público interno, por vivenciaram a igreja durante quase todo o dia e há muitos anos, percebeu-se um comprometimento não apenas com o ambiente de trabalho, mas com o cuidado com o edifício por ser um patrimônio, ou para aqueles que não compreendem o termo, como um local onde os objetos têm um grande valor histórico e sentimental para a comunidade.

Referente ao público externo algumas conclusões foram encontradas. O fato curioso e talvez adequado ao modo de vida das pessoas na atualidade é o número de freqüentadores do século feminino e com idade superior aos quarenta anos. Com a possibilidade de tantos locais de convergência para encontros sociais na cidade, as igrejas já não são utilizadas como principal local de convivência da sociedade. As mulheres continuam a freqüentar por caber a elas a oração pelo bem-estar da família. Relacionado aos motivos que levam os usuários a freqüentarem o templo a participação dos encontros religiosos, sobretudo a missa, ocupa local de destaque; o patrimônio fica em segundo plano. Perguntado inclusive a respeito do patrimônio material da Igreja Matriz de São Pedro, as pessoas conhecem sua importância, mas não sabem definir ou expor os motivos.

Por último, referente aos questionários aplicados ao público em potencial, observou-se que a sua grande maioria considera um edifício bonito, mas não são

frequentadores como fiéis nem frequentam para visitar o templo para observar os bens culturais. Foi observada pouca importância ou quase nula como patrimônio histórico de Muritiba e local de convívio social pelos questionados.

Foi observado que a Igreja Matriz de São Pedro ao longo dos seus mais de trezentos anos de história está presente na vida dos frequentadores e não frequentadores de diversas formas. Como espaço religioso ou documento histórico, ou apenas cenário do fim de tarde na praça, o templo religioso tem uma história já escrita e continua a escrever as suas memórias. Inserida de formas diferentes na vida dos mutitibanos, mas participando como estrutura social capaz de moldar os indivíduos.

Realizar avaliação de público de um patrimônio é tentar compreendê-lo, com perspectivas ao melhor aproveitamento e aproximação da comunidade com seu bem material.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte.

BOITO, Camillo. Os Restauradores. 2ª Ed. Tradução beatriz Mugayar Kuhl e Paulo Mugayar Kuhl. Atêliê Editorial, São Paulo, 2003.

BRUNO, Cristina. Principais campos da ação museológica. Artigo apresentado no seminário CCBB, julho de 2004.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Imagens de vida, trabalho e arte** um estudo de caso de documentação museológica: a coleção de imaginária do museu Dom José (Sobral-Ceará- Brasil). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 12, 1998.

CARDOSO, Nelson Brito. **Muritiba- Resgatando a sua história. Uma coletânea através dos tempos.** Muritiba: JM Gráfica e editora, 2012.

CASTRO, Anfilófilo de. **História e estrela de Muritiba:** Edição independente, 1941.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio/Françoise choay; tradução de Luciano Oliveira Machado. 3. Ed.- São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. V.12 (suplemento), p. 365-380, 2005.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e exposição. São Paulo: Annablume, 2005. Capítulo I: O campo de atuação da Museologia.

CURY, Marília Xaxier. Marcos teórico e metodológicos para recepção de museus e recepções. UNl revista - Vol. 1, nº 3 : (julho 2006).

Decreto-Lei nº3.551, de 4 de agosto de 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba:Positivo, 4ª Edição.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação do Brasil/Maria Cecília Londres Fonseca.2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan, 2005.

História Econômica do Brasil. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados. Vol. 38, modulo III- Recôncavo e Extremo Sul. Muritiba/ Bahia. Igreja Matriz de São Pedro. Salvador: IPHAN, 1996.

LE GOFF Jaques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 2006.

Lei nº 378 de janeiro de 1937, sobre cria o SPHAN.

Paróquia de São Pedro do Monte da Muritiba 300 Anos. 30 Anos de Sacerdócio do Padre José Oliveira Santos. Junho/2005.

RICUPERO, Rodrigo. **Governo-geral e a formação da elite colonial baiana no século XVI.**- São Paulo: Alameda, 2005.

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos:sua essência e sua gênese. / Alois Riegl; tradução Elaine Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentine. Goiânia:Ed. Da UCG, 2006.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **Da catequese à civilização. Colonização e povos indígenas na Bahia (1750-1800).** 2012. Tese (Doutorado em Pós-Graduação em História) - Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, Fausto Henrique dos. Metodologia aplicada em museus. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Memória coletiva e teoria social. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHEINER, Tereza. Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos, 2007.

SCHWARTZ, Stuart B. Segredos **Internos: Engenhos e Escravos na sociedade Colonial (1550-1835).** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VENTURA, Paulo Cesar Santos; NASCIMENTO, Sylvania Sousa do. A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos Ciência & Educação (Bauru), vol. 11, núm. 3, septiembrediciembre, 2005, pp. 445-455.

VICTOR, Isabel. A qualidade em museus. In: Os museus e as qualidade – distinguir entre museus com “qualidades” e qualidade em museus. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Lusófona, Lisboa, 2005.

WOOLLARD, Vicky. Acolhimento ao visitante. In: Como gerir museus. ICOM, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de Questionário aplicado ao publico Potencial**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA
CAHL - Centro de Artes Humanidades e Letras****Discente: Crislane dos Santos de Oliveira****Orientador: Archimedes Ribas Amazonas****QUESTIONÁRIO PÚBLICO POTENCIAL**Morador da cidade? Sim Não

O que a igreja de São Pedro representa para você?

Costuma freqüentar? Sim Não Especifique: _____

Você conhece o Patrimônio Histórico e Artístico da igreja de São Pedro, formado pela fachada, imagens, azulejos e etc.

Sim Não

Qual o seu nome? _____

Qual a sua idade? _____

APÊNDICE B – Modelo de Questionário aplicado ao público Interno**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA
CAHL- Centro de Artes Humanidades e Letras****Discente: Crislane dos Santos de Oliveira
Orientador: Archimedes Ribas Amazonas****QUESTIONÁRIO PÚBLICO INTERNO**

Qual o seu nome? _____

Função? _____

Há quanto tempo esta exercendo essa atividade? _____

Você frequenta a Igreja quando não esta trabalhando na mesma?

Sim Não

O público costuma frequentar a igreja com qual finalidade?

Existem pessoas que visitam a igreja com o objetivo de conhecer o patrimônio Histórico,
Artístico e Cultural?

O que representa para você o Patrimônio cultural= Azulejaria, Imagens da Igreja de São
Pedro? _____

APÊNDICE C – Modelo de Questionário aplicado ao PÚBLICO VISITANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CAHL- Centro de Artes Humanidades e Letras**Discente: Crislane dos Santos de Oliveira****Orientador: Archimedes Ribas Amazonas****QUESTIONÁRIO PÚBLICO VISITANTE**

Grau de instrução:

Fundamental I Fundamental II Ensino Medio Nivel Superior Morador da cidade? Sim Não Com que frequência você costuma visitar a igreja? _____
_____O que a Igreja de São Pedro representa para você?

_____Qual a importância da Igreja de São Pedro para cidade de Muritiba? _____

_____Para você o que é Patrimônio? _____

Você já ouviu falar de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural?

Sim Não Você sabe que na igreja de São Pedro existem objetos que constituem o Patrimônio cultural da cidade de Muritiba?

_____Qual a sua opinião sobre os azulejos e imagens as Igreja?

Qual o seu nome? _____

Qual a sua idade? _____

ANEXOS



PARÓQUIA DE SÃO PEDRO DO MONTE DA MURITIBA

300 Anos

**30 ANOS DE SACERDÓCIO
DO PADRE JOSÉ OLIVEIRA SANTOS**

Junho / 2005



INVENTÁRIO NACIONAL DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

Volume **38**

Módulo III - Recôncavo & Extremo Sul
Muritiba / Bahia

Igreja Matriz de São Pedro

Ministério da Cultura - MinC
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN
7ª Coordenação Regional
Apoio Fundação VITAE